

CADERNO
DE BOLSA

Imagens da

Esti
gma
tiza
ção

Organizadora:
Nila Michele Bastos Santos

CADERNO DE BOLSA Imagens da estigmatização

1ª Edição

Pedreiras - MA
Editora IFMA
2019

Francisco Roberto Brandão Ferreira
Reitor

Ximena Paula Nunes Bandeira Maia da Silva
Pró-reitora de Ensino

Natilene Mesquita Brito
Pró-reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Fernando Antônio Carvalho de Lima
Pró-reitor de Extensão e Relações Institucionais

Washington Luis Ferreira Conceição
Pró-reitor de Administração

Carlos César Teixeira Ferreira
Pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional

Gedeon Silva Reis
Diretor da Editora IFMA

©2019 dos autores

A reprodução ou transmissão desta obra, ou parte dela, por qualquer meio, com propósitos de lucro e sem prévia autorização dos editores, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Direitos Reservados desta edição
Editora IFMA

Revisão
Paula Francinetti Ribeiro de Araújo

Projeto Gráfico e Diagramação
Luís Cláudio de Melo Brito Rocha

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Gedeon Silva Reis

Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Natilene Mesquita Brito

Pró-reitoria de Extensão

Fernando Antonio Carvalho de Lima

Técnicos Administrativos

Maria do Socorro Silva Lages
Luís Cláudio de Melo Brito Rocha

Bibliotecário/documentalista

Michelle Silva Pinto

Coordenador de Curso de Pós-graduação

Hênio Henrique Aragão Rego

Ciências Agrárias

Delineide Pereira Gomes
Regia Maria Reis Gualter

Ciências Biológicas

Douglas Rafael e Silva Barbosa

Ciências Exatas e da Terra

Raimundo Santos de Castro
Helson Ricardo da Cruz Falcão

Ciências Humanas

Odaléia Alves da Costa

Ciências da Saúde

Carolina Abreu de Carvalho

Engenharias

Orlando Donato Rocha Filho
Antonio Ernandes Macedo Paiva

Linguística, Letras e Artes

Paula Francinete Ribeiro de Araújo

Apoio Técnico

Diego Deleon Mendonça Macedo
Luís Cláudio de Melo Brito Rocha

Santos, Nila Michele Bastos.

S237c Caderno de bolsa: imagens da estigmatização. / Nila Michele Bastos Santos. _ São Luís: EDIFMA, 2019.

89 p. : il. ; Inclui Bibliografia

ISBN: 978-85-69745-82-2

1. Escravidão - Brasil. 2. Escravidão - sociedade brasileira. 3. Relações étnico-raciais. 4. Afrofuturismo. 5. Sociedade escravista - colônia brasileira. 6. Relações de gênero - representação. 7. Sociedade escravista - afetividade. I. Título.

CDU 981.04:326



NEABI – IFMA / Campus Pedreiras - 2016/2018

Coordenador Geral

Nila Michele Bastos Santos

Vice-coordenador Geral

Glaucio Fernando Cunha Silva

Colaboradores

Andrea Cristina Serrão Gonçalves

Hadrya Lima Rodrigues

Jordan Oliveira da Silva

Keilla Façanha Silva

Raymenna Furtado Lopes

Ronnyel Carlos Cunha Silva

Valeria Moreira Garcia Vilar Veiga

SUMÁRIO

Apresentação	9
O desenrrolar da sociedade escravista da colônia brasileira	15
O afrofuturismo e suas diversidades	33
Atrevida: as representações de gênero na revista para adolescentes do final do século XX	49
A dinâmica e as afetividades na sociedade escravista do Brasil colonial	73

APRESENTAÇÃO

É com imensa alegria que lhes apresento o ***Caderno de Bolsa***, fruto do esforço conjunto dos primeiros bolsistas CNPq/IFMA do Instituto Federal do Maranhão Campus Pedreiras e dos projetos de pesquisas da coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e indígenas NEABI/IFMA – Campus Pedreiras. Tal resultado não seria possível sem o financiamento do Instituto Federal do Maranhão, por meio do PROGRAMA DE INCENTIVO A PROJETOS DE PESQUISA CIENTÍFICA, portanto, desde já deixamos nossos agradecimentos à PRPGI pelo apoio.

Diversos foram os desafios e percalços para a realização deste trabalho, o ensino das ciências humanas - em especial o ensino de História - passa por um momento de ataque público, propostas políticas como “escola sem partido”, proibições para discutir a “perspectiva de gênero”, invisibilização das questões étnico-raciais e a própria “Reforma do Ensino Médio”, tudo isso demonstra um desejo de segregar e marginalizar grupos que já são historicamente minorizados mas tal como dizia Paulo Freire, “*Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica*”¹.

1 FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 89

Sim, vivemos um processo de desmonte da educação crítica, e negar isso é compactuar com o que está acontecendo, as classes dominantes se negam a aceitar os espaços conquistados pelos até então oprimidos e segregados e buscam formas “legais” para impedir seu desenvolvimento. Acreditamos que para superar a perpetuação dos preconceitos e das desigualdades – de todos os tipos - é necessária uma educação crítica e libertadora, portanto, imergir na pesquisa para as desconstruções de padrões e estigmas é extremamente necessário.

Este primeiro Caderno traz como temática as ***Imagens da estigmatização***, o tema, assim como todo conteúdo deste volume, foi totalmente construído pelos bolsistas e voluntários dos projetos de pesquisas. Ao questioná-los o porquê dessa temática, eles me responderam que buscaram um elemento em comum entre as pesquisas, embora à primeira vista, ambas pareçam diferentes: uma centrada na escravidão do Maranhão Colonial, outra na perspectiva afrofuturista e outra nas questões de gênero, presente em uma revista para adolescentes do final do século XX; eles notaram como, ao longo do tempo, os padrões sociais foram construídos sempre colocando à margem àqueles que não seguiam ou não podiam seguir o modelo social determinado.

Confesso que fiquei surpresa e extremamente feliz com o resultado. Os autores desta obra são jovens alunos e alunas do Ensino Médio Técnico Integrado que compreendem como os estigmas sociais são criados e como os preconceitos são frutos de relações de poder, pois quando um grupo estabelecido dentro do padrão possui o poder de ca-

tegorizar, ele é capaz de atribuir a si e aos seus membros o status de superioridade, bem como o autoriza a excluir e a inferiorizar os demais grupos diferentes dele. Trata-se de identidade social e sentimento de pertença. Quando um grupo atribui estigmas isto está claramente relacionado com os preconceitos, os estereótipos e o medo do desconhecido que se faz sobre o outro, esse processo é nefasto e perverso, pois ao atribuir uma identidade a um outro grupo, ou mesmo a um só indivíduo, este pode internalizar a categorização, e a normatividade imposta pode facilmente fazer com que o indivíduo, ou grupo social aceite a inferiorização, ou anormalidade, que lhe é atribuída.

Norbert Elias e John Scotson discutem justamente os efeitos dessas relações de poder na obra “Os estabelecidos e os outsiders”, afirmando que “[...] a exclusão e a estigmatização dos outsiders pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este grupo preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar”;² em outras palavras o próprio processo de desigualdade, preconceito e inferiorização, bem como a negação de direitos e oportunidades ao grupo estigmatizado, são mecanismos utilizados por grupos dominantes para manter-se no poder. Desse modo, corroboramos Paulo Freire com o seu discurso acerca das classes dominantes, é ingenuidade acreditar que esse grupo irá acabar com os mecanismos que os mantêm no poder.

2 ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro, Zahar, 2000, p. 22.

Pensemos nas situações de pobres, negros, imigrantes, indígenas, mulheres, homossexuais, como um exemplo de grupos estigmatizados. Ao ser categorizados enquanto tais passam automaticamente a serem percebidos como sujeitos, criminosos, indesejáveis, preguiçosos, incapazes, anormais e, principalmente, como uma ameaça a ser controlada.

Ora, a melhor forma de combater esses estigmas e preconceitos é compreender e conhecer o grupo que está sendo inferiorizado, entendendo que os estereótipos que lhes são atribuídos são frutos de processos históricos, culturalmente construídos a partir de relações de poder. É importante investigar os tipos de coerção que lhes foram e ainda são impostos, analisar que suas situações sociais não são frutos da natureza humana, ou predestinação divina, mas sim, que foram a eles designadas sem opção de escolha. Somente com o conhecimento e educação é que teremos as ferramentas para lutar pela igualdade negada, pela diversidade recusada e pela alteridade desejada.

Nós nos colocamos nessa luta e os artigos contidos nesse Caderno são nossos primeiros passos de investigação para o conhecimento desses grupos marginalizados. É possível que o leitor mais crítico encontre alguns problemas nos textos, a orientadora se esforçou em seu trabalho, mas ainda assim os textos são de alunos do Ensino Médio e para que a autoria fosse mantida, as intervenções foram pontuais. Peço, portanto, que perdoem a ausência de rebuscamento da linguagem, nosso objetivo principal é alcançar os alunos da educação básica, e para tanto, escrever de forma que estes, principalmente estes, entendam.

O primeiro artigo, intitulado **O Desenrolar da sociedade escravista na colônia brasileira**, de autoria dos alunos *Victor Wagner da Costa Soares* e *Laysla Eduarda dos Santos Lopes*, traz informações e esclarece dúvidas acerca da escravidão entre os séculos XVIII e XIX no Brasil, além de mostrar que os escravos foram um dos principais pilares na construção da sociedade brasileira fruto de relações conflituosas e de negociações causadas pela própria proximidade entre os indivíduos.

No segundo artigo, intitulado **Afrofuturismo e suas diversidades**, o autor *Pedro Lucas Alcântara Oliveira* objetiva compreender e demonstrar a importância do afrofuturismo, um gênero artístico revolucionário que mescla a cultura africana com ficção científica na luta para combater todo tipo de racismo e preconceito que ainda persiste nas sociedades contemporâneas.

No terceiro artigo, intitulado **ATREVIDA: as representações de gênero na revista para adolescentes do final do século XX**, a autora *Silvana Maranhão Lucas*, discute a “Revista Atrevida”, impresso do final do século XX, cujo público alvo era as adolescentes. O objetivo é analisar, principalmente, as formas utilizadas pela revista para influenciar comportamentos e mentalidades de suas leitoras. Silvana aponta, ainda, como persistem os padrões que determinam nossa maneira de agir e pensar de acordo com o gênero, e a não consonância com esse acarreta exclusão e inferiorização. Demonstrar como esses padrões são construídos, pode ser o primeiro passo para as aceitações das diferenças e da diversidade.

O quarto artigo, intitulado **A Dinâmica e as afetividades na sociedade escravista do Brasil colonial**, é de autoria dos alunos Victor Wagner da Costa Soares e Laysla Eduarda dos Santos Lopes. Neste artigo, os autores analisam uma parte das interações existentes entre os sujeitos do Brasil Colônia evidenciando o Maranhão, de modo a compreender, principalmente, as relações senhor/escravo, a partir da análise de testamentos do período setecentista nessa região, procurando fazer uma distinção entre os diferentes tipos de afetividades manifestados na documentação, nem sempre positivos.

Nossa ideia é que o **Caderno de Bolsa** não fique em um único volume, ao contrário, esperamos que se torne uma constante, transformando-se em um espaço para que os jovens pesquisadores, com suas linguagens mais simples e acessíveis, possam alcançar outros jovens da educação básica, demonstrando que é possível sair dos estigmas que lhes são impostos, valorizando sua identidade de forma positiva, tomando consciência de seu próprio ser, e finalmente, empoderando-se para a luta contra toda e qualquer forma de preconceito.

Esperamos que apreciem a leitura, ela é fruto de nossos esforços.

Prof^a. Me. Nila Michele Bastos Santos
Orientadora dos Bolsistas

Coordenadora Geral do Neabi – IFMA / Campus Pedreiras

O DESENVOLVER DA SOCIEDADE ESCRAVISTA DA COLÔNIA BRASILEIRA*

Victor Wagner da Costa Soares¹
Laysla Eduarda dos Santos Lopes²

RESUMO

O presente artigo busca trazer informações e esclarecer dúvidas acerca da escravidão entre os séculos XVIII e XIX no Brasil, além de mostrar que os escravos foram um dos principais pilares na construção da sociedade brasileira. Procuramos demonstrar, principalmente, como as sociabilidades e subjetividades estavam presentes nas relações dos escravizados, inferindo inclusive a existência de afetividades senhoriais, sejam elas diretas ou indiretas, positivas e negativas expondo assim alguns dos conflitos e resistências causados pela própria proximidade.

Palavras-chave: Escravidão. Afetividades. Relações. Dinâmica. Conflitos.

¹ Bolsista PIBIC ENSINO MÉDIO 2017/2018 - EDITAL PRPGI nº 05/2017. Aluno do ensino médio integrado ao Curso de Petróleo e Gás do IFMA - Campus Pedreiras. E-mail: victor.soares@acad.ifma.edu; brevictorwagnercostasoares@gmail.com

² Voluntária do projeto do EDITAL PRPGI nº 05/2017. Aluna do ensino médio integrado ao Curso de Petróleo e Gás do IFMA - Campus Pedreiras. E-mail: eduarda.santos@acad.ifma.edu.br; layslaedu44@gmail.com

* Orientação: Nila Michele Bastos Santos, Mestra em História Social pela Universidade Federal do Maranhão. Professora EBT de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Pedreiras. Coordenadora do NEABI – IFMA/ Pedreiras. E-mail: nila.santos@ifma.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto da primeira parte da pesquisa financiada pelo programa PIBIC ENSINO MÉDIO, 2017/2018, do IFMA, em parceria com o CNPq. De caráter bibliográfico esse primeiro momento se debruçou sobre o **estado da arte** acerca da escravidão no Brasil entre os séculos XVIII e XIX, separando artigos contemporâneos tanto de pesquisadores mestres e doutores, quanto de mestrandos e doutorandos.

Em meio aos 25 artigos escolhidos e interpretados, percebemos uma vasta área de influências ocorridas pela presença do escravo, nas entrelinhas dos textos pudemos inferir que, em sua maioria, os escravizados sempre apresentaram relações afetivas, podendo ser tanto negativas quanto positivas, com um senhor ou com a própria sociedade que o cercava. Essas relações se comprovam uma vez que é praticamente impossível se conviver com uma coisa interativa sem que se crie certo laço afetivo, laço que se fortifica dia após dia uma vez que “a coabitação e convivência dentro de casa entre indivíduos que estabelecem relações de trabalho pode caracterizar uma dinâmica capaz de refletir a hierarquia social e racial da sociedade” (SANTOS, 2014, p. 4). Para DaMatta (1986) a casa não é apenas espaço físico, mas moral e social.

Tentamos mostrar como se constroem essas relações escravistas, não apenas nos restringindo ao Maranhão, mas a outras partes do território brasileiro, já que é de suma importância conhecer primeiramente o macro, para depois

focarmos em um único aspecto de uma sociedade escravista, de modo que ainda nos esforçamos em esclarecer como que se deu a escravidão e como a mesma influenciou a sociedade tanto da época quanto influencia a atual.

ESCRAVOS, SUAS CHEGADAS, ADAPTAÇÕES E AFETIVIDADES

Fruto do contexto mercantilista da época, a colonização do Brasil não fugiu ao padrão monopolista que Portugal impunha a suas colônias. O sistema *plantation*³, já conhecido pelos portugueses, foi o primeiro a ser desenvolvido nas terras brasileiras. Evidentemente, para que o sistema se consolidasse, era necessário ter escravos. Primeiramente, foi utilizada a mão de obra indígena, a utilização dessa força de trabalho – ainda que largamente utilizada – possuía certos problemas que iam desde o desconhecimento das técnicas agrícolas pelos indígenas; fugas, que eram facilitadas pelo reconhecimento do local; bem como as doenças trazidas pelos europeus, já que seus sistemas imunológicos não estavam adaptados para lidar com esses males. Esses entraves, no entanto, não foram motivos para a exclusão da escravidão indígena, mas contribuíram para que a escravidão africana convivesse lado a lado com a indígena.

³ O sistema *plantation* consistia principalmente na produção tropical em grandes propriedades rurais como as do Brasil Colonial (engenhos de açúcar, fazendas de café etc.), constituídas em sua maioria de terras não cultivadas e/ou exploradas com técnicas de baixa produtividade, onde o cultivo se dava apenas por um único tipo de produto agrícola (principalmente: cana-de-açúcar ou café), utilizando para isso força de trabalho escrava e voltado para o mercado externo. Em síntese ele se caracteriza pelo Latifúndio, mão de obra escrava e agroexportação.

Somente em 1755, foi elaborado o Alvará do Diretório dos Índios, que assegurava suas liberdades. Segundo Nila Michele B. Santos, a liberdade dos indígenas tornou-se pública:

[...] apenas em 1757 – sendo registrada oficialmente no livro da Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão em 18 de Agosto de 1758 – tal conjuntura transformou a face da escravidão brasileira, pois ainda que, de forma disfarçada ou aberta, mantivesse-se o indígena como escravizado, é inegável que a escravidão africana tornou-se predominante. O Diretório dos Índios e o aumento da escravidão africana não podem ser descontextualizados de um projeto político-econômico de feições mercantilistas que tem a frente Sebastião José de Carvalho, o Marquês de Pombal, Ministro do Rei de Portugal D. José I. Com o intuito de restabelecer o crescimento da economia portuguesa, as reformas pombalinas não apenas mantiveram o monopólio comercial entre Portugal e Brasil, mas também centralizaram e aprofundaram a dominação metropolitana na colônia. Além disso, para alcançar seus objetivos, essas reformas lançaram mão das criações das companhias de comércio (SANTOS, 2016, p. 96).

Assim, é dentro desse contexto que a escravidão indígena foi substituída pela escravidão dos africanos, esses sujeitos eram trazidos pelo tráfico negreiro e submetidos a permanecer em locais escuros, com o mínimo de higiene e uma péssima alimentação, sem falar que muitos morriam

e permaneciam juntos com os outros por horas o que os prejudicavam ainda mais. Por vezes, essas embarcações naufragavam, causando várias mortes, além de grandes prejuízos para os comerciantes dos negros.

A trajetória destas embarcações se iniciava em algum porto africano, onde seus comandantes aguardavam pelo embarque da “mercadoria”, que era trazida pelos sócios africanos dos comerciantes de escravos; eram estes africanos que tratavam de buscar no interior do continente e aprisionar os povos que iriam encher os porões do barco [...]. [...] O alimento era despejado de cima da embarcação, sendo que a tripulação do navio não se importava se todos recebiam ou não a sua cota, que, além disso, era a sobra do que os tripulantes do navio haviam consumido, incluindo até mesmo alimentos deteriorados ou então algo que não fora bem aceito. Africanos de todas as idades, sexo e origens estavam presentes nestes escuros porões, e em caso de morte, eram jogados ao mar, quase sempre depois de um tempo considerável, contribuindo para aumentar as terríveis condições de higiene presentes nestes porões (SANTOS, 2013).

As relações causadas pela chegada desses africanos ao Brasil trouxeram grandes modificações na dinâmica, na cultura e no modo de viver desse povo, um exemplo dessa mudança foi a imposição do catolicismo. Sabemos que os encontros religiosos dos povos africanos eram realizados

para cultuar tanto deuses como espíritos da natureza, essas práticas eram realizadas de forma única, com vários cantos e danças. Todavia, mesmo com a perda parcial de suas doutrinas, vários africanos souberam se adaptar a sua nova realidade, mesclando seus cultos aos que lhes eram impostos. Com o tempo muitos acabaram aceitando e agarrando para si a ideia do catolicismo, podendo inclusive usufruir de acontecimentos religiosos, desfrutando assim de uma autonomia mesmo que restrita. Um exemplo foi o ocorreu na região do Alto da Parnaíba, onde se conta que Nossa Senhora do Rosário apareceu em forma de imagem para escravos que trabalhavam na lavoura, a “lenda” conta que o senhor tentou levar essa imagem para um santuário em seu nome, porém, a “santa” sempre voltava para o povo negro, até que um dia foram os escravos que a levaram, e ela permaneceu no santuário, conforme atesta Costa (2011, p. 422) “A preferência da santa pelos negros escravizados, manifesta na aceitação da mudança de local, os transformou no povo de N. Sra., filhos do rosário, devolvendo-lhes, assim, a condição humana que a situação do cativo lhes havia negado”.

Isso seria mais uma forma de resistência ao demonstrar humanidade negada ao povo negro escravizado, colocando-os como sujeitos capazes de subjetividades iguais aos brancos livres. Com isso, podemos notar que a escravidão não é apenas uma faca encravada no meio do país e nem só um conjunto de associações negativas a serem esquecidas e deixadas para trás, ela é muito mais complexa que isso. A história da escravidão repassada na educação básica coloca uma origem quase que exclusivamente

africana, estigmatizando seu povo e negando a grandeza histórica, interrompida e abafada pela escravidão.

O principal objetivo da importação dos escravos para o Brasil, como já abordado, foi para a mão de obra braçal como forma total de exploração. Existiam os mais variados tipos de atividades, dentre elas as tarefas mais esgotantes eram o labor nas plantações e engenhos de açúcar e as realizadas por escravas dentro das casas senhoriais, que consistiam em cuidar e zelar da casa dos senhores e até mesmo de outros escravos que viam essa forma de serviço como condição amenizadora das ocupações árduas realizadas fora dessas moradias.

Contudo, a proximidade garantia uma maior exposição dessas mulheres, abrindo um grande espaço para exploração sexual e a violência, tanto da parte de seus senhores quanto de suas esposas, que por ciúmes atribuíam a culpa às negras escravizadas, muitas vezes argumentando que as mesmas praticavam bruxarias, enfeitiçando seus maridos, aumentando assim a punição e o sofrimento delas.

Segundo Graham (1992, p. 64), “Em troca de casa e comida (caracterizada em muitos casos por restrições a determinados itens alimentícios), uma criada poderia estar disponível a incontáveis horas de trabalho, ao assédio ou estupro e a violência”.

Sobre as condições de trabalho, as cozinhas, por exemplo, são vistas de acordo com Silva (2004, p. 90) “como espaços insalubres, nos quais os escravos eram expostos ao trabalho compulsório e a condições físicas e higiênicas

péssimas ocasionadas pela fumaça dos fogões, o calor e o manejo com objetos pesados”.

A escravidão destituiu as mulheres escravizadas de qualquer sinal de humanidade por meio: do estupro institucionalizado, do abandono dos próprios filhos, da negação da vida privada, da exposição à violência física, moral e psicológica; fazendo-as objetos, “pau pra toda obra” e “saco de pancadas” na tranquilidade e conforto das casas senhoriais (GIACOMINI 1988, p.37 apud SANTOS, 2014, p. 7)

Apesar da exploração sofrida, algumas escravas conseguiam usufruir de bens materiais de seus senhores, alcançando inclusive carta de alforria, ou até mesmo garantia de heranças deixadas por seus senhores em testamento para que pudessem utilizar após suas mortes.

É o caso de Manoel Rodrigues Alves, que em São Luís do Maranhão, no ano de 1787 declarou:

A preta Victoria se darão logo depois de meu falecimento vinte ml reis para o [fl. 202] Sustento de seus filhos e a preta Izabel outros vinte para o trato dos filhos de Thomazia e hum tacho grande para a preta Anna [...] Deicho mais hum bau uzado de huma fexadura a preta Victoria, o meu oratorio com a Senhora da Conceição e uma lamina de São Raimundo para a mesma Victoria e Izabel e assim mais dois lençoes travesseiros e catre com o colchão para a mesma Victoria e huma rede usada e as mais redes que se acharem para a preta Anna repartir com suas filhas e as laminas

que se acharem e as caixinhas de pau da terra (ATJ. Livro, fl. 197. Registo do testamento com que falleceo Manoel Rodrigues Alves nesta cidade como abaixo se declara 2/01/ 1787).

Tais exemplos podem ser entendidos como fruto de relações afetivas positivas, forjadas pela proximidade e pelo cotidiano.

Após a abolição, o trabalho doméstico, bem como as práticas estigmatizadas continuaram sendo realizadas. A submissão de várias mulheres negras a esse serviço não foi uma opção, mas sim uma necessidade, pois a grande maioria não tinha outra formação, sendo assim obrigadas por sua realidade financeira e social a praticarem essas tarefas, evoluindo lentamente à condição de doméstica, cujas atividades eram realizadas por mulheres que não possuíam oportunidades para mudar seu status social, em sua maioria, coincidentemente, descendentes de escravos, segundo Santos (2014, p. 2), considerado “por muitos como resquício da escravidão, o trabalho doméstico compôs desde a Abolição uma das principais ocupações das mulheres negras brasileiras. A ligação com o período escravista brasileiro é notória”.

Ainda durante o período escravista muitas das mulheres que eram submetidas aos trabalhos escravo de doméstica reagiam como podiam, não aceitando a condição de exposição que lhe era imposta, e cujos reflexos eram manifestados na vagarosidade do trabalho, no falso respeito, no roubo de pequenos objetos, no “fazer-se de besta”, na mentira e nas fofocas, na sabotagem, entre outros. Al-

gumas dessas reações acabavam de forma trágica, como em alguns casos, nos quais as negras tentaram fugir para se livrar dos grandes tormentos impostos pela escravidão. Porém, algumas eram capturadas e acabavam sofrendo consequências ainda mais severas. Outras vezes, essas respostas eram dadas de forma mais brutal, como nos casos em que escravas domésticas assassinaram seus senhores, como a morte citada por Lima (2013, p.10) do senhor de engenho e capitão Francisco Cavalcanti da Cunha, em Goiânia, em 1854, cuja agente moral do crime foi cozinheira e engomadeira da casa.

Isso nos mostra a força e a perseverança não apenas das mulheres escravizadas, mas dos negros escravizados de uma forma geral, demonstrando que essas pessoas tinham autonomia e liberdade de expressões suficientes para fazerem escolhas, mesmo estando inseridos em um ambiente hostil cuja sociedade era extremamente preconceituosa e racista.

Durante a história da escravidão, um dos ambientes mais hostis foram as plantações cafeeiras do Sul, onde os conflitos eram comuns. No início das plantações, os únicos que atuavam como mão de obra e trabalhadores eram os escravos, os mesmos sofriam porque tinham que transportar sacos cheios de café para outras regiões. Quando a linha ferroviária foi inaugurada, o transporte desse produto foi alterado, e conseqüentemente, a vida dos negros escravizados da região também.

Nesses locais, havia grandes inimizades entre escravos e feitores, escravos e senhores ou entre os próprios escravos, os conflitos entre eles possuíam diversos motivos:

a administração da disciplina do trabalho, e dos castigos incontestados e exemplares era de responsabilidade do feitor, homem de confiança do administrador, que não era escolhido pelo seu grau de crueldade no trato com os escravos, mas por sua competência em desenvolver um código moral de castigos sem que a produção da fazenda fosse estagnada, ainda mais nos dias de ausência do senhor. Portanto, havia uma relação moral, em permanente tensão, é bem verdade, entre o administrador e o feitor, e entre o feitor e os escravos, entendidos como um grupo de trabalhadores e moradores da fazenda com relações sociais além das de trabalho. Os escravos das fazendas de café percebiam a chegada de novos escravos, ainda mais quando vinham de outras províncias, identificando modos de falar e de se comportar distintos dos seus, ou seja, a convivência entre aqueles que já estavam nas fazendas e os que estavam chegando nas mesmas era fortemente marcada pela diferença, por um choque de percepções de modos de agir os mais diversos da parte de ambos os tipos de escravos. Os que chegavam sabiam que encontrariam escravos e livres que já se conheciam, com maneiras de se relacionar em construção há algum tempo. Era exatamente no embate entre os diferentes ritmos de vida e formas

de sociabilidade entre os escravos que chegavam e aqueles que já estavam trabalhando na fazenda que as regras morais de disciplina e justiça eram testadas. Desse modo, tinha-se o risco de acontecerem inflexões políticas nas relações sociais na fazenda, quando o ritmo das regras morais não acompanhava as modificações da produção e da vida social, fruto das necessidades econômicas que levavam senhores a optarem por comprar escravos de outras províncias (LARA, 1988, p. 57-96 apud COUCEIRO, 2003, p.45).

As diferenças étnicas frequentemente se constituíam em motivos de conflitos entre escravos, era mais marcante a divisão racial entre mulatos e negros, na qual os mulatos – mesmo sendo classificados como aberrações por serem mestiços – eram considerados mais “evoluídos” por serem descendentes de brancos, isso criava certa tensão entre essas duas “raças” escravizadas.

As traições conjugais demonstram tanto os conflitos quanto as formas de resistência à escravidão, já que na época em questão, os escravos tinham direitos e deveres sobre suas mulheres ou maridos que eram respeitados pela lei. Um dos casos estudados por Guimarães (2001) mostra um escravo que processou seu senhor, pois o mesmo havia estuprado sua esposa e com a ajuda de sua senhora conseguiu vencer o caso e fugir juntamente com seu cônjuge. Outro exemplo é o de uma escrava que assassinou outra, porque estava tendo relações com seu marido, ela foi inocentada por ter dado uma justificativa plausível para a época,

ca, já que nesse tempo existia uma grande influência da igreja católica, e a mesma considerava o casamento uma união consolidada, não podendo haver traições. Essas divergências possuíam também por um fator psicológico, já que os escravos viam seu parceiro (a) como um dos poucos pertences que tinham.

Mudando nosso foco de análise para uma história econômica, não podemos deixar de destacar que o desenvolvimento econômico do Brasil, no século XIX, era a produção do café, que se tornou o estopim das relações com o exterior, como New York, e essa produção só foi possível por conta dessa força de trabalho e mão de obra escrava.

O desenvolvimento cafeeiro em Juiz de Fora coincidiu com o período de crise do sistema escravista (fim do tráfico transatlântico, pressões externas e internas contra a escravidão, Leis abolicionistas etc.). Entretanto, foi o braço escravo o responsável pela grande produção cafeeira do Município. A reposição da mão-de-obra escrava na região deu-se basicamente através do tráfico interno, interprovincial e intraprovincial (GUIMARÃES: 2001, p.3).

Contudo, não só de café viveu a economia brasileira nos ambientes mais áridos, no sertão paraibano, podemos destacar a economia de criação. Nessas regiões, a dinâmica escravista era diferente, em algumas vilas – apesar de pequenas – os escravos eram proibidos de ficar muito tempo em lugares públicos, a menos que tivessem uma assinatura de seu senhor, caso contrário, eles eram puni-

dos. Contudo, cotidianamente as pessoas não barravam os escravos para pedirem essas assinaturas, assim podemos imaginar quantos escravos se aproveitavam dessa oportunidade para darem uma “fugidinha” temporária.

As pessoas dessas vilas eram muito religiosas, Abreu (2011) nos conta que quando as senhoras com seus filhos iam para as capelas orar, escravos pegavam tapetes e os desenrolavam no chão para que eles pudessem se ajoelhar, como nessas vilas não tinham grandes comércios, a maior parte dos senhores eram fazendeiros, com um grande pasto e muitas cabeças de gado, assim alguns negros escravizados viravam escravos vaqueiros, eles tinham uma maior proximidade e afetividade com o seu senhor, os negros escravizados dessa região se dividiam em uma forma de hierarquia: escravos vaqueiros, escravos agricultores e escravos domésticos.

Pensar na escravidão no sertão paraibano, é pensar diferente do modelo de plantation que predominou em imensas áreas do Brasil desde os remotos períodos.

Ele não está sozinho. Ao seu lado vai o seu senhor e filhos. Boi na frente, gente atrás. Ele se mistura aos livres, assume uma função que seria especificamente de livres. Mesmo que para os livres da época, o escravo continuasse a ser escravo, mesmo que em algum momento se parecesse como um livre. O trato com o gado lhe trouxe uma característica própria, fez dele um indivíduo passível da confiança do senhor. Os ares do sertão nos levam a pensar para este “escravo vaqueiro” um sentimento de aparente liberdade (ABREU, 2011, p. 51).

Na dinâmica econômica sertaneja, temos outro modelo econômico e de trabalho, ligado à criação de gado e, portanto, a suas conformações próprias. Mesmo que os escravos desempenhassem o trabalho mais pesado, podemos pensar em negros e brancos desempenhando as mesmas funções, compartilhando o mesmo trabalho, isso aconteceu, provavelmente, por conta da economia de subsistência. Nesse sertão, tiveram momentos de doenças e de fome, quando muitos senhores venderam seus escravos para sobreviverem, e a escolha opcional de escravos eram as crianças, já que elas cresceriam com o saber imposto pelo senhor, e assim tornar-se-iam submissas ao mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da escravidão revela a forma como se deu o desenvolvimento do Brasil e embora grande parte da historiografia prenda-se apenas às relações econômicas e políticas, uma nova história social e cultural procura esclarecer as relações de poder e de afetividades que construíram o senso social dos indivíduos do país através desse sistema. Vimos que existiam diferenças no modo da escravidão, dependendo da região, o que ajudou na diversidade das relações entre escravos e senhores, mas essa diversidade de relações não transformou a realidade do negro no Brasil.

Infelizmente, o que percebemos em nosso cotidiano é a permanência do pensamento estigmatizado e estereotipado sobre os negros, assim como sua situação financeira que quase não se desenvolveu com o tempo, tal

condição imposta por pensamentos preconceituosos e racistas que minimizavam as capacidades negras apenas ao trabalho braçal e impossibilitou oportunidades para sua transformação social.

O que procuramos enfatizar não somente neste artigo, mas em nossas vidas e em nossas reflexões sobre a escravidão, é que não podemos excluir ou minimizar a importância dos negros africanos e afro-brasileiros escravizados na construção tanto social quanto econômica do país. Sem suas contribuições não teríamos a diversidade cultural e racial que possuímos hoje.

Portanto, perpetuar os estigmas sociais que esses grupos continuam sofrendo é cruel e errado, a luta por direitos e oportunidades iguais deve ser uma luta constante, e esperamos com este estudo contribuir com ela.

REFERÊNCIAS

ABREU, Wlisses Estrela de Albuquerque. **Senhores e escravos do sertão: espacialidades de poder, violência e resistência, 1850-1888**. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/neabi/pdf/Biblioteca%20Digital/Dissertacoes/ABREU,%20W.%20E.%20A.%20\(UFCG-D\).pdf](http://www.cchla.ufpb.br/neabi/pdf/Biblioteca%20Digital/Dissertacoes/ABREU,%20W.%20E.%20A.%20(UFCG-D).pdf)>.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. **Quebrando o silêncio: o legado da escravidão e seu poder transformador na cultura popular brasileira**. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3615/361533256009/>>.

COUCEIRO, Luiz Alberto. ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira. **A disparada do burro e a cartilha do feitor: lógicas morais na construção de redes de sociabilidade entre escravos e livres em fazendas do Sudeste, 1860-18881**. Rev. Antropol. vol.46 n°. 1 São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ra/v46n1/a02v46n1.pdf>>.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e obediência: criadas e patrões no Rio de Janeiro 1860 – 1910**. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1992.

GUIMARÃES, Elione Silva. **Criminalidade e escravidão em um município cafeeiro de Minas Gerais - Juiz de Fora, século XIX**. Disponível em: <https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/65405/criminalidade_escravidao_guimaraes.pdf>.

LIMA, Tatiana Silva de. **Resistências e sobrevivências dos trabalhadores domésticos e em domicílio, Recife, 1830 - 1870**. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Recife, PE. Associação Nacional dos Professores Universitários de História, 2013.

SANTOS, Denise do Nascimento. **Senhores e escravos, patrões e empregados: Heranças escravistas em questão no momento em que se regulamenta o trabalho doméstico**. Revista *Libertas* v. 14, n. 2 (ago. dez. 2014): Disponível em: <<https://libertas.ufjf.emnuvens.com.br/libertas/article/view/2886>>.

SANTOS, Nila Michele Bastos. **Paixões, poderes e resistências: as relações de poder e afetividades entre senhores e escravizados no Maranhão setecentista**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em História/CCH, Universidade Federal do Maranhão, São Luís - MA, 2016.

SANTOS, Maria Gilda Antas. **A escravidão no Brasil: uma análise a partir dos livros didáticos de história**. 2013. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/a-escravidao-no-brasil-uma-analise-apartir-dos-livros-didaticos-de-historia/114476/>>.

SILVA, Maciel Henrique Carneiro. **Pretas de honra: trabalho, cotidiano e representações de vendeiras e criadas no Recife no século XIX (1840 – 1870)**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

DOCUMENTOS:

ATJ. Livro, fl. 197. **Registo do testamento com que falleceo Manoel Rodrigues Alves nesta cidade como abaixo se declara 2/01/ 1787**.

O AFROFUTURISMO E SUAS DIVERSIDADES*

Pedro Lucas Alcântara Oliveira¹

RESUMO

O presente artigo busca compreender e demonstrar a importância do afrofuturismo, um gênero artístico revolucionário que mescla a cultura africana com ficção científica na luta para combater todo tipo de racismo e preconceito que ainda persiste nas sociedades contemporâneas. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, buscamos mostrar também a grande influência dessa estética em áreas como a Música, Literatura, Artes Plásticas, Cinema, Fotografia e Moda, tornando-se uma extraordinária forma de representatividade cultural no século XXI.

Palavras-chave: Afrofuturismo. Futuro. Diversidade. Representatividade cultural.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto do projeto de Incentivo à cultura / Edital PROEN N° 14 intitulado: “*Afrofuturismo e*

¹ Bolsista de Incentivo à Cultura - EDITAL PROEN N° 14. Aluno do ensino médio integrado ao Curso de Petróleo e Gás do IFMA-Campus Pedreiras. E-mail: pedroalcoliveira14@gmail.com.

* Orientação: Nila Michele Bastos Santos, Mestre em História Social pela Universidade Federal do Maranhão. Professora EBT de História no do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Pedreiras. Coordenadora do NEABI – IFMA/ Pedreiras. E-mail: nila.santos@ifma.edu.br.

outras Diversidades”, que ainda se encontra em andamento e cujo propósito é divulgar a nova estética artística intitulada de Afrofuturismo, e a influência Queer, como mais uma forma de resistência ao preconceito racial, de gênero, social e sexual. Este artigo, no entanto, focará apenas no afrofuturismo, deixando o movimento Queer, para um outro momento.

Dentre as pesquisas realizadas, até o momento, podemos notar que o Afrofuturismo tem como objetivo retratar os dilemas negros e interrogar eventos históricos relacionados ao racismo global. É um gênero artístico que com o passar dos anos vem ganhando força e visibilidade através da mídia e outros meios. Enquanto movimento, este vem para quebrar paradigmas e valorizar a cultura africana, pela qual é feito o resgate de elementos do passado para criar mundos futurísticos avançados.

Identidade, cultura e diversidade são os conceitos que permeiam essa estética, estes devem ser entendidos como categorias mutáveis como o tempo e o espaço. Logo, torna-se impossível pensar os indivíduos como sujeitos estagnados e isolados, cujas identidades só podem ser construídas no coletivo.

A ideia de identidade cultural só é estabelecida pela existência de diversas culturas que, por serem diferentes, acabam afirmando suas particularidades através da afirmação de uma identidade que é estruturada no contexto histórico de um determinado grupo, tendo sua formação no campo simbólico com sua construção de significados (HALL, 2009. p. 28).

Comumente, cultura é denominada como um conjunto de tradições, costumes e crenças, criada e preservada por um povo e transmitida para gerações posteriores, ela é vista com grande importância para a formação das pessoas tanto em grupos quanto na vida privada, pois ela funciona como um modelador, na qual os indivíduos adquirirão os conhecimentos, valores e experiências que são de suma importância para a sobrevivência humana.

No entender do historiador Roger Chartier (1998, p. 67),

[...] o conceito de cultura [...] denota um padrão, transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida.

Por essa visão, a Cultura não pode ser classificada. Em outras palavras, não existe Cultura superior ou inferior independente dos sistemas em que vivem são os sujeitos, a partir das representações criadas de maneira individual e coletiva, que dão sentido ao mundo no qual estão inseridos.

O AFROFUTURISMO COMO REPRESENTAÇÃO CULTURAL

O afrofuturismo tornou-se um movimento bastante amplo, abrangendo os mais variados setores, em forma de músicas, quadrinhos, cinema, vestimenta etc. Os que

aderem a esse estilo ou outros campos artísticos e a essa diversidade de setores, buscam a visibilidade e o empoderamento necessários para chamar a atenção das pessoas, não apenas para algo interessante e inovador, mas também, para tratar de assuntos como o genocídio da população negra, a desigualdade social, o preconceito e o racismo, que são as pautas consideradas indispensáveis pelo movimento. E é partindo da valorização da cultura negra, africana e afrodescendente, que esse movimento luta pelo reconhecimento e participação mais efetiva e evidente na sociedade.

Ao considerarmos o histórico da migração negra, não podemos considerar uma migração voluntária, uma vez que o povo negro traficado e escravizado, sendo assim no caso da cultura negra “*A civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial,*” Uma vez que a população negra foi desumanizada (SILVA e QUADRADO, p. 04).

O afrofuturismo é mais uma forma de resistência das populações negras que teve (e ainda tem) a sua humanidade negada pela cultura eurocêntrica, imperialista, racista e preconceituosa.

No Brasil, é impossível tratar o segregacionismo negro sem levantar a questão histórica como um dos fatores que mais influenciam nos inúmeros casos de racismo, injúria e preconceito contra os descendentes dos africanos que foram trazidos ao Brasil para servirem de escravos para os colonizadores europeus e seus descendentes. A questão da escravidão – durante a época moderna – foi

tão presente e difundida que se tornou um estigma continuamente ligado aos negros africanos e afrodescendentes, essas crenças perpetuam um pensamento limitado de inferioridade africana e contribuem para a construção de um padrão de comportamento social que visa censurar os traços culturais oriundos dos africanos.

Na contramão dessa visão distorcida – infelizmente tão presente nos dias atuais – é que alguns movimentos (em sua maioria negros) lutam para desmistificar e quebrar esses conceitos inexatos, criados propositalmente por povos de culturas diferentes que buscaram estabelecer os seus elementos e traços culturais como ponto central de tudo. Tratam-se de estratégias para garantia de poder, nas quais os indivíduos ou grupos que se diferenciam por serem ou pregarem o oposto do que é estabelecido são julgados como inferiores, inaptos ou anormais, tendo como consequência a marginalização, a perseguição e em alguns casos até a privação da liberdade de expressar sua própria cultura.

No período da colonização do Brasil, as culturas africanas e indígenas, apesar de ter uma grande participação no desenvolvimento das atividades produtivas na sociedade, não foram reconhecidas pelos colonizadores. A população tinha como referência a cultura europeia “Imitar, para nós, foi integrar, foi nos incorporarmos à cultura ocidental, da qual a nossa era um débil ramo em crescimento, foi igualmente manifestar a tendência constante de nossa cultura que sempre tomou os valores europeus como meta e modelo” (CANDIDO, 1978 apud TOMAZI, 2010, p. 189).

Cada cultura vai se basear na sua própria particularidade e universalidade, com elementos que se diferem e que possuem significados específicos para o bem estar social, mas por outro lado possui uma dificuldade de aceitação daquilo que para o ser humano lhe parece diferente, pois os mesmos tendem a tomar o seu próprio grupo social e cultural de convívio como algo superior ao outros que são considerados como estranhos.

O sentimento de pertencimento a uma determinada cultura depende da representação que se tem daquele determinado contexto, tal mecanismo se reflete na história, mitologia, memória, imagens e tudo aquilo que faça o sujeito se identificar, com ênfase na continuidade desse processo. A representação é uma forma de reivindicar a diferença e o pertencimento dentro de um universo de identificações (HALL, 2009). Contudo, o que observamos é que durante muito tempo os afro-brasileiros tiveram sua representação negada, a mídia e a arte que nos cerca são majoritariamente constituídas por brancos: as bonecas e bonecos postos para nossas crianças são brancos, os desenhos animados e HQ's são de heróis brancos, os protagonistas das novelas são brancos, os filmes que chegam às nossas casas são de brancos, os cantores são brancos, os âncoras dos jornais são brancos, enfim. Desse modo, como se reconhecer em uma cultura onde sua representatividade não é vista? Como sentir-se orgulhoso de uma cultura na qual ninguém se reconhece? Como conhecer e propagar uma cultura onde os espaços de comunicação lhe são negados?

Esse movimento é uma reação ao preconceito, ao racismo, à invisibilidade negra no cinema (com aspectos positivos), arte, música, representação televisiva. O afrofuturismo é uma das tentativas de renunciar a estas negativas construídas historicamente e socialmente, dentro do contexto de escravidão, exploração, negação do espaço ocupado anteriormente por apenas brancos (LIMA, 2016. p. 3).

Com o crescimento avançado da globalização e o uso de novas tecnologias surgiram as possibilidades de intercâmbios entre as diferentes culturas. As pessoas obtiveram a liberdade de ter o contato com situações culturais diferentes da sua própria, isso foi possível, em grande parte pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e das redes sociais. A visibilidade das culturas, outrora “subalternas”, passou a ser empreendidas e ganharam força em muitos lugares, e ao mesmo tempo. Desse modo, a diversidade cultural passou a ser divulgada como uma bandeira de luta contra os preconceitos.

Descrita e conceituada como as diferenciações que representam as variadas culturas ao redor do mundo, a diversidade cultural é o oposto total da homogeneidade. No Brasil, devido ao processo de colonização, além do processo de recebimento de imigrantes entre quase todos os países, possuímos uma enorme diversidade cultural, em outras palavras, o Brasil possui um “pedacinho” das tradições e costumes de várias culturas diferentes, essa diversidade nos faz pensar que essa mistura de elementos culturais nos torna mais capacitados de exercer a nossa livre cidadania e conviver em sociedade com o diferente, pois a liberdade de

expressar as suas raízes e traços culturais é um direito hoje, cedido a todos. Infelizmente, esta não é a realidade e apesar do país desejar propagar um mito de “Democracia Racial” o que vemos é que quanto mais distantes dos padrões eurocêntricos uma cultura se encontra, mais preconceito e discriminação ela sofre. Daí a importância de movimentos como o afrofuturismo, que tem como ideologia não apenas a divulgação de uma ou várias culturas negras, mas sim, o real reconhecimento destas, como elementos fundantes das identidades culturais e representação cultural, capazes de combater o preconceito.

O AFROFUTURISMO NO MUNDO

Movimento cultural, estético e social, assim é conhecido o afrofuturismo, um gênero artístico que resgata elementos da cultura africana mesclando-os com a ficção científica. Seu principal objetivo é retratar o passado dos negros com a possibilidade de um futuro com uma maior participação nas sociedades em que estão inseridas. O movimento faz uma interrogação altamente pertinente sobre os eventos históricos envolvendo os africanos e seus descendentes, lutando acima de tudo no combate do racismo mundial contra esses sujeitos que se encontram, atualmente em todos os lugares do mundo. A proposta apresentada por esse movimento é simples: pensar em um futuro em que pessoas negras existam.

Para Kênia Freitas, pesquisadora e crítica, o afrofuturismo não se trata de um movimento exclusivo da

população negra, segundo ela o afrofuturismo “está muito relacionado à estética negra mais contemporânea, de la-cração e tombamento, pessoas muito diferentes entram nesse movimento, gostam, usam e se inspiram” (HONORATO, 2018, on-line).

Não há como precisar o momento exato do surgimento do movimento, mas por volta da década de 60, Sun Rá, compositor norte-americano, começa a abordar em suas composições conceitos afrocêntricos, associando elementos do passado da cultura africana ao espaço e ao futuro,

[...] o poeta e compositor de jazz Sun Rá, após vivenciar uma experiência extraterrestre, incluiu em suas composições elementos que remetiam ao espaço, futuro e ao mesmo tempo à ancestralidade africana. Artistas como a Octavia Butler, Ytasha Womack, Basquiat e Spike Lee também fizeram produções no mesmo sentido (BRASIL, 2015, on-line).

Contudo, é somente no ano de 1994, que o afrofuturismo se tornou firmemente um movimento cultural, isso por conta do escritor e cineasta americano Mark Dery, que apresentou um ensaio chamado “*Black To The Future: ficção científica e cybercultura do século XX a serviço de uma apropriação imaginária da experiência e da identidade negra,*”, o sucesso da obra fortaleceu os ideais do movimento, fazendo com que mais pessoas aderissem ao estilo que se propagava através da música, teatro, cinema, livros, moda e outras estéticas que visavam obter uma boa visibilidade e

levantar a ideia do empoderamento negro. A partir do ensaio, o movimento obteve a voz e a imagem que ansiava.

Devido ao crescimento do movimento, muitas pessoas começaram a aderir ao estilo se identificando e orgulhando-se pela oportunidade de participar e mostrar o poder que por muito tempo lhes foi tirado e negado.

No século XXI, o afrofuturismo está mais consolidado na sociedade em geral, pois sob a influência das personalidades que surgiram no seu início, e que deixaram um legado marcante, os representantes de hoje conseguem trilhar por caminhos melhores, embora ainda muito tortuosos. Através de suas artes, o movimento consegue levar a cultura africana - e a nova estética - para as mais variadas pessoas; ora como já dito anteriormente, essa “facilidade” e rapidez se devem em grande parte ao processo de globalização e dos estudos sobre a importância da diversidade, daí esse movimento possuir uma maior evidência.

Atualmente, o movimento possui fortes representações no cenário artístico, como por exemplo, podemos citar a cantora Beyoncé que nas letras de suas músicas e nas suas performances nos traz uma mensagem sobre o empoderamento da mulher negra, racismo e a inferioridade da população negra perante a sociedade, ela é considerada uma das artistas mais influentes do mundo da música nessa geração, um dos principais polos de seu sucesso se encontra no sul dos Estados Unidos, onde estão os maiores índices de racismos e atentados contra a cultura negra, e a maioria da população carcerária é formada por negros, e onde também a maioria é marginalizada por sua etnia/cor.

Um acontecimento que fez com que Beyoncé buscasse mais esse movimento, foram os grandes e frequentes ataques racistas que sua filha Blue Ivy sofreu, e vem sofrendo, nas redes sociais, destacando, em 2014, quando racistas levantaram uma petição na internet para que ela, juntamente com seu marido, penteasse o cabelo da filha; em resposta,

Beyoncé lançou o clipe de Formation, causando a ira de setores reacionários e racistas dos EUA (policiais foram orientados a desligarem suas TV's no intervalo!); a isso se somou a apresentação que junto com a música, trouxe figurino que homenageava os Panteras Negras. Uma apresentação que traz à tona importantes aspectos da cultura de resistência negra, junto com uma canção e um clipe, no principal país imperialista do mundo, acabaram por impactar profundamente tanto admiradores, simpatizantes e lutadores quanto detratores e racistas [...]. Durante o refrão, queen bey responde aos racistas quando diz que gosta do cabelo de seu bebê, cabelo estilo afro. Bey segue exaltando a beleza negra no próximo verso e faz menção aos Jackson 5. Ao exaltar traços negros como belos, Formation se choca com a indústria da beleza dominante que diz que só é belo cabelo liso e o nariz fino (GARCIA, 2016, on-line).

Já na indústria cinematográfica o filme, que retrata a estética afrofuturista, com o maior destaque é o do herói da Marvel “Pantera Negra”, sua apresentação o tornou mais que um filme: é um acontecimento. Todo o filme é sobre

uma sociedade altamente avançada composta de pessoas negras, a história é protagonizada por atores e atrizes negros, além do diretor também ser negro. Parece meio óbvio, mas vamos lembrar quantos heróis negros já ocuparam a tela de um cinema? A cidade fictícia chamada Wakanda é localizada na África, apontada como a região que mais sofre com as mazelas do mundo. “Pantera Negra” afronta essa realidade colocando sua cidade carregada de elementos ricos, futuristas e de avançadíssima tecnologia. O filme é um grande marco na história do movimento afrofuturista, pois traz a importância da existência de heróis negros na história da humanidade, ainda que ficcionais. Trata-se da representatividade que também está na construção do imaginário; “imaginar futuros da ficção em que pessoas negras existem é uma subversão. “Parece besteira, mas não é. Elas têm menos perspectiva de presente, o que leva a menos perspectiva de futuro” (HONORATO, 2018, on-line).

No Brasil, podemos citar algumas personalidades no cenário artístico que apresentam o afrofuturismo para a sociedade, como por exemplo, a cantora Karol Conka, uma mulher de origem humilde que está conquistando seu lugar na mídia por nos mostrar a cultura negra através da “lacração” e “tombamento”, mostrando o poder e a magnitude que a cultura negra apresenta. Destacamos, também, o Casal Taís Araújo e Lázaro Ramos que juntos protagonizaram o seriado ‘Mister Brau’ na Rede Globo, comédia que busca mostrar na ficção, por meio de uma mistura de humor, a realidade vivida por muitos negros no Brasil – um país que desde a sua colonização tem a história do negro somente pelo que

foi contado pelos europeus. O seriado também representa o empoderamento feminino através da personagem Michele Brau (Taís Araújo); um dos episódios, inclusive, contou com a participação da cantora Elza Soares, que juntamente com “Michele”, mostrou a força da mulher negra. Em todas as temporadas são abordados as questões sociais e o preconceito racial que os personagens sofreram para ocupar um lugar na sociedade. Para o ator Lázaro Ramos,

É uma satisfação enorme poder ser escutado, ainda mais depois de tanto tempo de experiência no trabalho, onde você vai só ampliando seus desejos. Poder falar nos tons e conteúdos que a gente fala é um privilégio. Através da comédia a gente sabe que transforma muitas coisas, o Mr Brau traz esse empoderamento através da alegria, que é também uma bandeira (GOMES, 2016, on-line).

Apesar de ‘Mister Brau’ não abordar a linguagem futurística, ele se diferencia de outras produções de temática negra, que a televisão brasileira costuma mostrar, o casal protagonista é rico e possui grande sucesso, desse modo foge-se aqui do estereótipo de inferioridade e pobreza que normalmente é atribuído às personagens negras sem, contudo, mascarar o problema do racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O afrofuturismo é um dos movimentos artístico-cultural de maior influência no século XXI, visto como mostra

a força e a importância que os negros tiveram na fundação e desenvolvimento das sociedades de todo o mundo. A estética futurista, e muitas vezes espacial, permite criar no imaginário dos sujeitos possibilidades de futuros que antes eram impensados para as populações negras. O movimento mostra que podem sim existir heróis negros com superpoderes e que estes são de suma importância para o empoderamento dos descendentes de africanos ao redor do mundo, pois são os símbolos da representação cultural tão almejada.

É certo que o afrofuturismo, apesar de toda expressividade, ainda luta por seus espaços uma vez que é através das representações artísticas que esse movimento demonstra a sua resistência e suas batalhas contra os preconceitos já enraizados por fatores históricos e sociais e as artes – pelo menos em nosso país – ainda são colocadas em segundo plano nas políticas governamentais.

São por meio dos artistas, militantes, que o afrofuturismo cresce dia após dia, é por meio das relações sociais, nas quais o conhecimento sobre esse movimento é propagado, para aqueles que não o possuem. Infelizmente, no Brasil ainda existe poucas pesquisas acadêmicas na área, portanto, acreditamos que também devemos contribuir com a luta por equidade, gerando mais pesquisa sobre essa estética. Ao levantarmos debates atuais como os propostos pelo afrofuturismo, essa estética cultural, filosófica, histórica e artística que combina elementos de ficção científica, ficção histórica, fantasia, afrocentrismo e realismo mágico com cosmologias não-ocidentais, estaremos não apenas criticando os dilemas atuais dos negros, mas também, nos colocando contra todas as formas de preconceitos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Luiza. **Dossiê afrofuturismo: Saiba mais sobre o movimento cultural**. Geledés, 2015. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/dossie-afrofuturismo-saiba-mais-sobre-omovimento-cultural/#ixzz4F6h0H69J>>.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1998.

D'ANGELO, Helô. **Afrofuturismo: fantasia, tecnologia e ancestralidade**. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/afrofuturismo-tecnologia-ancestralidade/>>.

DINIZ, Pedro. **Afrofuturismo é a resposta a lógica de apropriação cultural na moda**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/04/afrofuturismo-e-resposta-a-logica-de-apropriacao-cultural-na-moda.shtml>>.

GARCIA, Willian. **Beyoncé: um símbolo à altura da luta contra o racismo?** Esquerda diário. Terça-feira 16 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://www.esquerdadiario.com.br/Beyonce-um-simbolo-a-altura-da-luta-contra-o-racismo>>.

GNIPPER, Patrícia. **Conheça o afrofuturismo, gênero artístico que mescla cultura africana com sci-fi**. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/comportamento/conheca-o-afrofuturismo-genero-artistico-que-mescla-cultura-africana-com-sci-fi-111584/>>.

GOMES, Lais. **Taís Araújo e Lázaro Ramos falam do empoderamento e igualdade racial**. EGO. Publicada em 18/11/2016. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/11/tais-araujo-e-lazaro-ramos-falam-de-empoderamento-e-igualdade-racial.html>>.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 2009.

HONORATO, Ludmila. **Conheça o afrofuturismo, movimento presente em “Pantera Negra”**. Jornal on-line O ESTADO DE S.PAULO. 07/04/2018. Disponível em: <<https://emails.estado.com.br/noticias/comportamento,conheca-o-afrofuturismo-movimento-presente-em-pantera-negra,70002257251>>.

LIMA, Caroline Santos. **Afrofuturismo, movimento cultural de resistência: canções (2016) e militância da cantora Ellen Oléria para fortalecimento da cultura afrodescendente no Brasil**. VIII Encontro Estadual de História. ANPUH BA/Feira de Santana/ 2016. Disponível em: <http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477869288_ARQUIVO_AfrofuturoAnpuhenviAR.pdf>.

MATIAS, Alexandre. **Afrofuturismo no Brasil**. Disponível em: <<http://trabalhosujo.com.br/afrofuturismo-no-brasil/>>.

SILVA, Kellen Carolina Vieira e QUADRADO, Jaqueline Carvalho. **O Afrofuturismo como forma de representação cultural**. EMIcult. 2º encontro Missionário de estudos Interdisciplinares em Cultura. 25 e 26 de agosto. URI – São Luis Gonzaga. V.2. 2016 – ISSN: 2447-8865. Disponível em: <<http://omicult.org/emicult/anais/wp-content/uploads/2016/11/O-AFROFUTURISMO-COMO-FORMA-DE-REPRESENTA%C3%87%C3%83O-CULTURAL-2.pdf>>.

YARAK, Aretha. **Afrofuturismo: o que é, pessoas mais importantes, expoentes no Brasil**. Disponível em: <<https://www.freetheessence.com.br/unplug/interventores/afrofuturismo/>>.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o Ensino Médio**. 2º edição – São Paulo: Saraiva, 2010.

ATREVIDA: AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA REVISTA PARA ADOLESCENTES DO FINAL DO SÉCULO XX*

Silvana Maranhão Lucas

RESUMO

O presente artigo busca problematizar a “Revista Atrevida”, impresso do final do século XX cujo público alvo era as adolescentes. Considerando-se uma “amiga fiel”, a revista se utilizava de diversos mecanismos para ditar modas e pensamentos desse período, assim buscamos analisar, principalmente, as formas utilizadas por ela para influenciar comportamentos e mentalidades de suas leitoras. Metodologicamente, nos orientamos pelos aportes da História Cultural e da Análise do discurso. Para além da análise documental – que se constituiu nas revistas – foi realizado também um estudo bibliográfico sobre as lutas femininas em prol de alcançar direitos em uma sociedade cujo pensamento patriarcal enraíza preconceitos e desigualdades. Apesar de tantas conquistas, ainda vemos o quanto intensamente a mulher é discriminada, o surgimento dos movimentos feministas foi de grande relevância para a luta pela independência e autonomia na sociedade, porém, ainda persistem padrões que determinam nossa maneira

de agir e pensar de acordo com o gênero, de modo que a não consonância com esses padrões acarreta exclusão e inferiorização. Demonstrar como esses padrões são construídos, pode ser o primeiro passo para as aceitações das diferenças e da diversidade.

Palavras-chave: Gênero. Padrão. Movimento Feminista. Revista Atrevida.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto do projeto PIBIC ENSINO MÉDIO 2017/2018 intitulado: *Atrevida: as representações de gênero na revista para adolescentes do final do século XX*, cujo propósito é problematizar as formas que a revista Atrevida tratava as questões de gênero no final do século XX. Por meio da análise dessa documentação, pôde-se notar que certos preconceitos contra as mulheres vêm ultrapassando séculos, persistindo até os dias atuais através de pensamentos e atos machistas que interferem grandemente nas vidas e psiquê das mulheres brasileiras. Diariamente, os mais variados tipos de discriminações são impostos às mulheres e a mídia não foge à regra, vemos uma imagem estigmatizada das mulheres, tanto na televisão, quanto na mídia impressa, nestas deparamo-nos com a ausência da diversidade de gênero, raça e etnias. É divulgado um padrão de mulher que na verdade não agrega todos os “tipos” de mulheres, de modo que são deixadas à margem todas aquelas que pertencem a grupos distintos do padrão.

O objeto de análise desta pesquisa foi a revista Atrevida – exatamente os 56 exemplares que correspondem aos anos de 1995 a 2000, ou seja, o final do século XX. Por meio da pesquisa bibliográfica, sabe-se que a luta mais explícita pelos direitos femininos intensificou-se no século XX, o movimento feminista, que surgiu nesse período, foi de grande ajuda para a contestação das desigualdades de gênero e deu força para as mulheres resistirem e conquistarem seu tão merecido espaço, principalmente, no mundo do trabalho.

Apesar de vários direitos conquistados pelas mulheres, isto não mudou o quadro de desigualdade sofrido por elas em nossa sociedade, o que torna a luta uma constante, elas resistiram e ainda resistem às opressões postas, mostrando que o rótulo de *sexo frágil* não se adequam a elas, o maior desafio talvez esteja na mudança de mentalidades da sociedade e para isso é preciso que os debates alcancem tanto nosso sistema educativo, quanto a mídia em geral, de modo a valorizar a diversidade, pois acreditamos que este seja o primeiro passo a caminho da alteridade.

A REVISTA ATREVIDA

A revista Atrevida foi criada em 1995 e é publicada até hoje pela editora Escala, sendo produzida preponderantemente para o público adolescente feminino. As sessões apresentadas pela revista abordam temas como sexualidade, relacionamentos, moda, beleza, saúde, músicas, filmes e novidades sobre as celebridades do momento. “O discurso persuasivo nas páginas da revista dita, em forma de

conselhos, modos de comportamento e padrões de beleza, moldando os desejos e emoções das leitoras” (SILVA, 2017, p. 22). O modo como a revista influenciava e ditava moda ou comportamentos, no final do século XX, interferiu na vida de suas leitoras, de tal forma que estas encontravam nela o apoio e a confiança para confessarem seus problemas através de cartas enviadas para editora, com a esperança de pudesse ajudá-las. Possivelmente, estas leitoras copiavam o que era publicado na revista, vendo o discurso posto como uma verdade, pois a maneira que a revista se aproximava das adolescentes criava uma intimidade entre elas, de modo que a revista era considerada como a “melhor amiga” das suas leitoras – estas, inclusive, apelidaram-na de **Atrê**. Dessa forma, acredita-se que os conselhos que eram repassados pela Atrevida, eram seguidos, pois seu público acreditava no discurso que lhe era passado.

MERCANTILIZAÇÃO DO HOMEM NA REVISTA ATREVIDA

A grande popularidade entre as jovens pode-se notar na sessão “*Escreve pra mim!*”, um espaço onde as leitoras podiam mandar cartas para a editora relatando sua opinião sobre a revista, matérias e também podendo dar dicas para novas reportagens que elas gostariam que fossem publicadas. As opiniões das fãs sobre a revista eram em sua maioria elogios, em muitas cartas elas enalteciam as matérias que apresentavam as celebridades do sexo masculino, as quais eram adoradas e em toda edição havia pôsteres de

homens em suas nas páginas. Nas cartas divulgadas, as leitoras sempre pediam mais publicações sobre eles, o que não se sabe precisar, no entanto, é até que ponto a seleção das cartas divulgadas preferenciava este tipo de pedido, que era prontamente atendido pela revista.

A revista Atrevida de N° 25, mostra, na sessão “*Gen-te*”, uma matéria com o título: *Os 15 meninos mais lindos do Brasil*, na qual – como a revista mesma diz – selecionou os *gatos mais delirantes do país*.

Revista Atrevida - Edição de setembro de 1996:

Dos 15 garotos apresentados, nesta matéria, todos possuem o fenótipo branco, esta exclusão apresenta-se em ambos os gêneros, tanto homens negros quanto mulheres negras não são vistos nas páginas da revista.

A masculinidade era tratada evidenciando a beleza do homem branco e heterossexual, e apresentada em forma de pôsteres de famosos e modelos na sessão “*Eu quero!*”, além disso, cada revista trazia uma reportagem relacionada a eles, demonstrando seu modo de ser, agir, pensar e seu tipo de mulher ideal, em outras palavras, a revista reforçava, através das celebridades, um “padrão de normalidade” e invisibilizava a diversidade.



A revista Atrevida N° 37/1997 trouxe uma matéria com *Os 50 mais atrevidos do planeta* com imagens de famosos, exaltando-os de uma maneira mercantil, utilizando adjetivos como: galã; idolatrado; quente; maravilhoso; lindo; fabuloso etc.

Revista Atrevida - Edição de setembro de 1997:

Outra forma de inserir os meninos na revista era expondo suas opiniões sobre diversos assuntos, em especial, a respeito das meninas. Tais “opiniões” estavam presentes em uma sessão própria intitulada “*Palavra de menino*”, na qual eles contavam o que pensavam sobre as garotas, o que agradava a eles em um relacionamento ou o tipo de menina que eles namorariam. A revista reforçava que as opiniões dos meninos (disfarçadas de críticas machistas) importavam bastante e, portanto, influenciavam as leitoras a se adequar ao padrão de “garota perfeita” idealizadas por eles.

Novamente, é possível que muitas garotas seguissem ao pé da letra cada dica dada para arrumar namorado, visto que a revista tratava o status de estar em um relacionamento como algo essencial na vida de uma menina, de modo que para ser feliz esta precisaria de um homem. Raramente, observa-se o incentivo ao amor próprio, muito



menos a aceitação de saber que enquanto mulheres, elas não precisam de um relacionamento para se sentir realizadas. Ao contrário, o “motivo” das garotas não estarem em um relacionamento amoroso era colocado como culpa delas mesmas, como demonstrado na revista Atrevida n° 55/1999 que traz estampada em sua capa: *Sempre sem namorado? Sua postura corporal pode estar afastando os garotos, cujo discurso contido na reportagem era que a posição física e a forma dos corpos femininos passavam para os garotos informações negativas e por isso eles se afastavam delas. A revista Atrevida utilizou “apelidos” extremamente ofensivos e preconceituosos para designar o físico de cada garota. No entanto, dava a solução para esses e outros “grandes problemas”. A revista Atrevida n° 54, correspondente a Fevereiro de 1999, traz em sua capa a seguinte chamada: “Quer ser indispensável para o gato? Veja nossas dicas!”.*

Revista Atrevida - Edição de fevereiro de 1999:

Nessa matéria, a revista Atrevida aponta 20 dicas *para ele não largar mais do seu pé*, como as que seguem: *Desgruda do pé dele; Sabe aquela receita do bolo do amor?; Largue mão de implicar com a turma do garoto. Era esse o comportamento que a revista considerava como irresistível. A garota deveria*



se mostrar atenciosa, mas não “grudenta”, além de aceitar tudo que o namorado fizesse, sem questioná-lo. Não obstante, a revista não se afasta do ideal das revistas femininas do século XIX e primeira metade do XX, nas quais ser *Bela, Recatada e do Lar* era o padrão almejado.

ATREVIDA E BELEZA

Nas páginas da revista *Atrevida*, encontra-se com facilidade matérias que reproduzem um padrão de beleza, os principais modelos presentes, em seus exemplares, como já dito, apresentam cor de pele branca e corpos magros. Na sessão *Beleza e Saúde*, as reportagens trazem dietas com dicas de receitas para perder peso, ou truques *para ficar ainda mais linda* (*Revista Atrevida*, N° 15, 1995), ademais, entrevistas com modelos para falar sobre beleza e boa forma. Quanto à saúde, a revista traz para suas leitoras matérias sobre exercícios, sempre focando as vantagens estéticas que o exercício lhe proporciona.

A revista *Atrevida* N° 15, de novembro de 1995, contém uma matéria denominada: *Cabelos crespos? O que pode fazer para deixá-los sempre lindo!* (*ATREVIDA*, N° 15, 1995, p. 96).

Revista Atrevida - Edição de novembro de 1995:

Porém, o mais intrigante é que trouxeram apenas modelos de fenótipo branco com cabelos cacheados, não se vê a presença de meninas negras para falar sobre o tema. A maneira como a revista inicia essa matéria, é discutindo a “crise” que essas garotas passam por conta do cabelo crespo e para “encarar esta batalha” como cita a revista, elas devem recorrer para “tratamentos e até deixando-os temporariamente lisos”, pois de acordo com *Atrevida*, o “visual pode ficar muito mais legal”. Em nenhum momento aborda a aceitação do cabelo natural, somente aponta as opções que existem de tratamentos ou de alisamentos, já que aceitar suas madeixas não era uma possibilidade real rara para as garotas dessa época.



A DESIGUALDADE SEXUAL

Desde o início da nossa sociedade, as mulheres são tratadas como seres inferiores aos homens por conta de suas diferenças biológicas, de acordo com SILVEIRA (2008), isso interferiu na forma de distribuição do trabalho. A autora afirma que “[...] nas mais diversas sociedades, as diferenças sexuais entre homens e mulheres serviram de base

para a organização da divisão sexual do trabalho, em que certas atividades foram atribuídas aos homens e outras, às mulheres”. Tal divisão fortaleceu socialmente a ligação das mulheres a padrões que as vinculam a reprodução e ao espaço doméstico. Deste modo, as relações desiguais ganharam poder, estabelecendo uma submissão estimulada pelo patriarcalismo, pelas quais mulheres são submissas aos homens. As autoras, Silvana Mara de Moraes dos Santos e Leidiane Oliveira reforçam que:

A dimensão da diversidade (gênero, raça, orientação sexual, dentre outras) permite-nos verificar que as mulheres estão inseridas num contexto de desigualdade que, determinado por relações sociais historicamente construídas, coloca-as em situações de subordinação e opressão, advindas seja por se apropriarem historicamente de menos poder do que os homens; seja por seu pertencimento a uma classe dominada, alheia à riqueza socialmente produzida ou, seja, ainda, por pertencer a uma raça/etnia historicamente oprimida (SANTOS; OLIVEIRA 2010, p. 13).

Nota-se que mesmo que as mulheres pertençam a uma classe/raça privilegiada socialmente, o quadro de opressão e desvalorização ainda persiste por conta do gênero. Opressões essas que se escondem através das limitações ao lar, de menos possibilidades de empregos e de acesso à educação, de modo que isso concretiza e reproduz padrões acerca do que é o *feminino* e *masculino*. Conforme afirma Cabral e Dias:

O papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo. Esse papel começa a ser construído desde que o(a) bebê está na barriga da mãe, quando a família de acordo à expectativa começa a preparar o enxoval de acordo com o sexo. Dessa forma, cor de rosa para as meninas e azul para os meninos. Depois que nasce um bebê, a primeira coisa que se identifica é o sexo: “menina ou menino” e a partir desse momento começará a receber mensagens sobre o que a sociedade espera desta menina ou menino. (CABRAL; DIAS, 1998, p.1)

O sexo biológico interfere e determina grandemente na forma que o indivíduo irá viver em sociedade, pois lhe é posto, papéis que deverão seguir. Quando não se acompanha essa normatividade, é como nadar contra a maré, e vai ao contrário do que a grande maioria diz como bom modelo de conduta.

Por conta de um contexto histórico enraizado de preconceito, as mulheres negras carregam um peso bem maior que as demais, sofrendo dois tipos de preconceito: gênero e raça. Para Duarte e Dias (2016, p. 03)

[...] as mulheres negras estão na base da pirâmide social, pois as mesmas tendem a acumular desvantagens relacionadas a discriminação de gênero, bem como a discriminação de raça. [...] consequência de uma cultura que foi herdada historicamente pela composição do Brasil, onde a discriminação e o preconceito persistem na manutenção dessas desigualdades.

É importante desconstruir estereótipos relacionados às mulheres negras, que são perpetuados pelo o racismo e sexismo. A mulher negra é colocada em uma posição inferior na sociedade, “a população negra e outros grupos racialmente considerados minoritários são colocados em posição de desvalorização, ou melhor, são designados papéis sociais sem qualquer valorização social” (DUARTE; DIAS, 2016, p. 04)

Na revista *Atrevida*, o quadro de desigualdade sexual se evidencia na matéria “A primeira vez” (Nº 55, 1999) onde meninos e meninas debatem sobre virgindade e seus significados para ambos os sexo, mostrando que pela primeira vez tem significados diferentes para meninos e meninas. De acordo com um dos entrevistados: “*Quando o pai sabe que o filho perdeu a virgindade, é a glória. O mesmo pai, quando sabe que a filha não é mais virgem... nossa, é uma desgraça!*” (BRUNO, 15 anos). O relato do entrevistado prova a forma como o sexo biológico interfere até no modo que os pais lidam com essa situação comum a todos os jovens, que vangloriam a perda da virgindade do filho, mas lamentam a da filha. “*A menina leva a culpa de tudo: se perdeu a virgindade, se engravidou... É muito mais difícil para nós*” (VÍVIAN, 16 anos). De acordo com a entrevistada, a responsabilidade sobre os atos, sempre sobram para a garota, a “culpa de engravidar” recai sobre menina, e não para ambos, a desigualdade se permeia nesses pensamentos que muitas pessoas ainda carregam, impedido da sociedade evoluir e se desprender de tantas opressões.

LUTA E RESISTÊNCIA

O patriarcado fortalece ainda mais essa desigualdade, ele impõe a superioridade masculina sobre o sexo feminino, apesar das mulheres terem conquistado grandes espaços, elas ainda estão vinculadas à maternidade, ao cuidado, ao objeto de prazer e tantos outros padrões que lhes são impostos, enraizados pelo o machismo e misoginia. Tal prática reproduz um discurso errôneo sobre o que é *ser mulher*.

Esta construção social do que é ser mulher e do que é ser homem se relaciona com o sistema patriarcal, aqui entendido como um sistema de dominação masculina, com constituição e fundamentação históricas, em que o homem organiza e dirige [...]; As formas de opressão e de violação de direitos vivenciadas pelas mulheres se efetivam, também, no âmbito afetivo-sexual. São inúmeras as modalidades de violência que se desenvolvem no universo da vida privada como também nos problemas decorrentes da violação pelo Estado dos direitos sexuais e reprodutivos (SANTOS; OLIVEIRA, 2010, p. 14).

As mulheres decidiram ir para ruas e não se calarem para essas formas de opressão que menosprezam o seu valor, que lhe diz o que é *certo* fazer, *pois você é mulher*, e as submetem a situações nas quais, não escolheram. Elas se uniram e decidiram lutar pela a sua emancipação, poder de escolha e decisão sobre sua vida.

O movimento feminista surge para quebrar todos os rótulos que são direcionados às mulheres, mostrando-lhes que podem ser quem quiser, e não aquilo que lhe dizem ser o correto, que elas podem sim ser uma profissional de sucesso, pois sexo biológico não define sua capacidade intelectual.

O feminismo teve seu ápice no século XX, e nos exemplares da revista *Atrevida* que este artigo explora não se encontrou discursos sobre o movimento, nem tão pouco foi citado na revista. Não é incentivada a luta contra o machismo e outras tantas formas de violências às quais algumas mulheres são submetidas.

A discriminação de gênero é algo sério, pois ele faz diversas vítimas, diariamente mulheres são abusadas, assediadas e mortas, e isso por conta de um sistema autoritário e doentio. A política brasileira é disparadamente composta por homens, pouquíssimas mulheres estão inseridas no cenário político, e por isso, é muito difícil mudar essa situação através da constituição, pois temos um sistema governamental totalmente masculino, ou seja, um país é governado pelo patriarcado.

No mercado de trabalho também, pode-se perceber a forma de inferioridade a qual muitas mulheres são submetidas, ganhando menos e trabalhando muito mais, isso nos mostra a construção desigual que a mulher possui no mundo do trabalho. Segundo Antunes (1999, p.109),

As relações entre gênero e classe nos permitem constatar que, no universo do mundo produtivo e reprodutivo, vivenciamos também a efetivação de uma construção social

sexuada, onde os homens que trabalham são, desde a infância e a escola, diferentemente qualificados e capacitados para o ingresso no mundo do trabalho. E o capitalismo tem sabido apropriar-se desigualmente dessa divisão sexual do trabalho.

Quando algumas mulheres decidem ingressar em uma profissão, enfrentam uma jornada dupla ou tripla (de acordo com a sociedade), onde as mesmas trabalham, além de cuidar da casa e dos filhos, algo que as deixam sobrecarregadas. Em geral, elas não encontram ajuda no parceiro, pois de acordo com o que lhe foi ensinado, o dever de cuidar do trabalho de casa é apenas da mulher, pois ele já “ajuda” com as despesas da casa. Isso é algo inaceitável, pois os dois têm a mesma obrigação de participar dos deveres domésticos, e não apenas a mulher.

De acordo com Stival (2014, p.03),

[...] o enclausuramento feminino no espaço doméstico foi se constituindo em uma regra mais ou menos geral, mesmo quando as mulheres trabalham fora. Seria uma violência mascarada com o enclausuramento que ocorreu principalmente pelo forte controle sobre a conduta feminina exercida por homens nas diversas profissões com o entendimento que o papel da mulher seria de esfera reprodutiva.

Ao andar nas ruas, pode-se perceber o quão a mulher é respeitada quando está na companhia de um homem, deixando assim de sofrer assédio sexual, ao contrário das

mulheres que ao andarem sozinhas, ouvem diversos insultos e “cantadas” totalmente desrespeitosas. Os agressores usam como justificativas dos seus atos a vestimenta da mulher ou a forma como ela se comporta, como se isso justificasse seu comportamento machista e misógino, tal prática é representada através de violência física, sexuais e simbólicas, como afirma Stival. A autora também reforça que “essa masculinidade é comparada mesmo a uma predisposição para a violência contra a mulher que muitas vezes se expressa em violência física, até mesmo no estupro ou no assédio moral no ambiente de trabalho” (STIVAL, 2014, p. 04), como forma de ocultar a masculinidade frágil.

A força que os padrões sexistas têm em nossa sociedade vem desde cedo, o menino é ensinado ainda quando crianças a não chorar, a ser forte e não demonstrar os seus sentimentos, pois isso demonstra fraqueza, e está vinculada à feminilidade. Ainda é muito fortificado pelos pais o ensinamento das tarefas domésticas às filhas, orientando-as para que saibam cozinhar, sejam boas mães, e desse modo, preparam-nas para que sejam boas esposas.

O padrão sexista é a discriminação sexual que acontece de forma injusta e infundada, exemplo é a determinação de que a cor rosa é de menina, e a cor azul de menino, mas cores não possuem gênero. O sexismo é fortalecido pelo machismo, que através de padrões, impõe a posição inferior da mulher em comparação a do homem na sociedade.

Segundo a Rosa Maria Godoy Silveira:

As formas de viver e pensar o masculino e o feminino tiveram consequências concretas:

reforçavam a estrutura familiar patriarcal e serviram de justificativa para ações no sentido de acentuar os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. Assim, deram margem, por exemplo, a uma educação diferenciada para meninos e meninas, no sentido de reprodução daqueles papéis sociais distintos, a exemplo de brincadeiras caracterizadas como masculinas e brincadeiras caracterizadas como femininas (SILVEIRA, 2012, p.1)

Os afazeres domésticos é algo vinculado à figura feminina, quando o homem faz alguma tarefa em casa, os veem como algo louvável, uma ajuda, mas não como um dever, como é para mulher. Nos séculos passados, era fortemente comum se ver mulheres casando contra a sua vontade, obrigadas pelos pais a se casarem com homens sem ao menos conhecê-los ou ter algum sentimento por eles, atualmente, isso não é mais tão comum, mas infelizmente ainda temos mulheres que são forçadas a se unir em matrimônio, o feminismo veio exatamente para isso, para lutar pela igualdade de direitos, para que elas possam decidir o que fazer da sua vida; possam escolher se querem casar, ter filhos, ser donas de casa, médicas, empresárias, ou seja o que for, mas que essa escolha seja delas. Perdeu-se grandes escritoras, cientistas, médicas, e tantas outras profissionais, meninas que não tiveram chance de ser aquilo que elas sempre sonharam, pois foram desestimuladas desde cedo por pessoas que não acreditavam em suas capacidades simplesmente, por conta do sexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A todo o momento a mídia nos mostra como agir, falar, vestir, ela molda os pensamentos, ideologias, e de forma inconsciente, as pessoas fazem tudo que ela propõe. O padrão de beleza colocado por ela demonstra mulheres ditas como “perfeitas”, que possuem corpos magros, pele branca, cabelo liso, entretanto, isso não representa a maior parte das adolescentes brasileiras. Essa falta de representação mexe com a autoestima de muitas pessoas, pois elas não se veem naquilo que é posto, considerado padrão: o estigma da anormalidade e do indesejável que lhes é atribuído.

Para a mulher negra e mestiça, a falta de representatividade é ainda pior em um país que hipocritamente se orgulha da miscigenação e coloca a sexualização de seu corpo de pele mulata como símbolo nacional. A representação dessa forma não é benéfica, ela evidencia um estigma cultivado nos anos de escravidão, outros espaços de atuação dessas mulheres são tão pouco divulgados que a diversidade no meio de comunicação brasileira, praticamente inexistente. Na revista *Atrevida*, de todos os exemplares entre 1995 e 2000, apenas uma edição publicou uma adolescente negra na capa, sendo a mesma uma leitora que foi convidada a fazer parte de uma matéria. Na edição em questão, 12 fãs foram desafiadas a serem modelos e produtoras de moda por um dia. Uma negra, entre 12 convidadas!

Revista *Atrevida* - Edição de março de 1999:

O discurso da época reforçava que **meninas negras** crescem achando que não são boas o bastante, a falta de representatividade faz com que elas tentem se encaixar nos padrões que lhes são disseminados para tentar, no mínimo, ficar um pouco parecida com aquilo que é dito como ideal e belo



para ser mulher. Um exemplo clássico é o cabelo, influenciadas pelos padrões, muitas são as que alisam, - pois são ensinadas que o cabelo liso é o cabelo bonito e que o crespo é preciso ser domado, a própria *Atrevida* coloca: “[...] temporariamente lisos, o visual pode ficar muito mais legal” (*Atrevida*, nº 15, 1995, p. 96).

É inegável que a mídia influencia bastante na forma que enxergamos o mundo, e assim, a maneira que vemos as mulheres. Ao distorcer a imagem feminina, os discursos ali presentes se multiplicam de maneira surpreendente, fortalecendo estereótipos e criando padrões, exemplo disso é a vinculação da mulher com a maternidade, com a feminilidade, pureza e fragilidade (SGARBIERI, 2006).

A forma de influenciar a sociedade está baseada na ideologia de quem conduz os meios de comunicação, Re-

vistas ou jornais, televisão ou redes sociais, interferem na forma de julgamento do leitor, não de forma aleatória, ao contrário com um objetivo claro de formação de um grupo. Conforme a autora Astrid Nilsson Sgarbieri (2006)

Considero os discursos divulgados pela imprensa, devido ao seu caráter multiplicador, de fundamental importância para construção da identidade social, na medida em que por um lado, instauram a possibilidade de novos discursos e, por outro, interferem na construção do nosso cotidiano e na forma como configuramos as relações sociais e a memória. Nesta perspectiva, os discursos divulgados em jornais e revistas de circulação nacional, estabelecem novos sentidos e representações, instituindo assim as condições para a formação de novas identidades (Grifos nossos).

É importantíssimo darmos voz às minorias, e a mídia não pode se eximir disso, é necessário demonstrar mais amplamente as representatividades das diversidades, pois é cruel e perverso quando uma pessoa não se sente parte da sociedade, quando ela não se enxerga em nenhum lugar, o sentimento de pertença é essencial para o desenvolvimento saudável de qualquer ser humano, negar isso é reduzi-lo a condição de não humano.

No momento em que criam um único padrão para elas, as mulheres submetem uma enorme parcela à marginalização e inferiorização. A revista Atrevida ao enfatizar um discurso monocromático, gordofóbico, exclusivamente heterossexual apresenta uma ordem repressora tão vista

nos séculos anteriores ao XX e nega a luta dos movimentos feministas em prol de liberdade e direitos. Ora, ainda permanecem espaços em que a predominância masculina inferioriza e deixa a mulher à margem, orientar as jovens mulheres a organizar suas vidas em torno dos homens é tirar sua autonomia de ser o que realmente desejam. O que se vê é, que em cada exemplar da revista, em cada sessão, é possível encontrar padrões que podem facilmente serem caracterizados como machistas e patriarcais.

A luta pela desconstrução de estereótipos deve ser uma constante, tanto quanto a luta para inserção no mercado de trabalho, sem discriminações de gênero. Não se trata apenas de valorizar a mulher, trata-se de construir uma sociedade na qual a diversidade seja respeitada, representada em toda a mídia de modo que a discriminação de gênero não seja mais algo a ser combatido, pois a igualdade tão desejada será uma realidade e não nos limitaremos ao sexo biológico, já que isso não nos define.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo e BARBALHO, Madalena Oliveira. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. *Revista Organizações em Contexto*, v. 1, n. 2, p. 226-235. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

CABRAL, Francisco; DÍAZ, Margarita. Relações de gênero. *Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar*, p. 142-150, 1998.

DUARTE, Camila; DIAS, Edemir Braga. *Problemática Racial E De Gênero: A Mulher Negra No Brasil*. EMIcult. 2º encontro Missionário de estudos Interdisciplinares em Cultura. 25 e 26 de agosto. URI – São Luis Gonzaga. V.2. 2016 – ISSN: 2447-8865. Disponível em: <<http://omicult.org/emicult/anais/wp-content/uploads/2016/11/PROBLEMA-RACIAL-E-DE-GENERO-A-MULHER-NEGRA-NO-BRASIL-2.pdf>>.

FURLANI, Jimena. Representações da mulher e do feminino na mídia impressa brasileira: desconstruindo significados na Educação Sexual. PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. *Sexualidade – cadernos temáticos da diversidade*. Curitiba/PR: SEED, 2009.

SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos; OLIVEIRA, Leidiane. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. *Rev. Katál*. Florianópolis v. 13 n. 1 p. 11-19 jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n1/02.pdf>>.

SGARBIERI, Astrid Nilsson. Representações do gênero feminino na mídia impressa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 1, p. 366-371, 2006.

SILVA, Joseany Pontes da. *Revista Atrevida: Estratégias de influência do consumo na seção “Cabe na mesada”*. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, 2017.

SILVA, Josiane Emilia da. Enfrentando lutas, superando desafios: ganhos e conquistas das mulheres brasileiras no século XX. *Revista Eletrônica Interdisciplinar*, v. 1, n. 7, 2012.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *Diversidade de gênero–mulheres*, 2012. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/edh/redh/03/03_rosa1_diversidade_genero.pdf>.

STIVAL, Maria Cristina Elias Esper. *RELAÇÕES DE GÊNERO E VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: um debate educacional*. Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014. ISSN 2177-8248. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT7_Maria%20Cristina%20Elias%20Esper.pdf>.

DOCUMENTOS:

REVISTA ATREVIDA: São Paulo: Editora Escala. Nº 08 ao Nº 70. De 1995 a 2000.

A DINÂMICA E AS AFETIVIDADES NA SOCIEDADE ESCRAVISTA DO BRASIL COLONIAL*

Victor Wagner da Costa Soares¹
Laysla Eduarda dos Santos Lopes²

RESUMO

Este artigo analisa uma parte das interações existentes entre os sujeitos do Brasil colônia evidenciando o Maranhão. Buscamos compreender, principalmente, as relações senhor/escravo, a partir da análise de testamentos do período setecentista nessa região, procuramos fazer uma distinção entre os diferentes tipos de afetividades, que se mostraram ser nem sempre positivas. As afetividades e decorrentes subjetividades foram ocasionadas de forma natural, pois o convívio forçou esse povo escravizado a se adequar ao ambiente, formando meios de resistência, aumentando assim suas chances de sobrevivência. Dessa for-

1 Bolsista PIBIC ENSINO MEDIO 2017/2018 - EDITAL PRPGI N°05/2017. Aluno do ensino médio integrado ao Curso de Petróleo e Gás do IFMA - Campus Pedreiras. Email: victor.soares@acad.ifma.edu.brevictorwagnercostasoares@gmail.com

2 Voluntaria do projeto no EDITAL PRPGI N°05/2017. Aluna do ensino médio integrado ao Curso de Petróleo Gás do IFMA - Campus Pedreiras. E-mail: eduarda.santos@acad.ifma.edu.br ou layslaedu44@gmail.com

* Orientação: Nila Michele Bastos Santos. Mestra em História Social pela Universidade Federal do Maranhão. Professora EBT de História no do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Pedreiras. Coordenadora do NEABI – IFMA/ Pedreiras. E-mail: nila.santos@ifma.edu.br

ma, os escravizados aumentavam suas chances de obterem alforrias por meio de seus senhores. Ao mesmo tempo, as chances de uma vida digna para negros livres eram praticamente nulas, pois a escravidão não era o único estigma imposto a negros ou descendentes de africanos, já que suas próprias raízes lhes traziam uma barreira social, ocasionando assim a pobreza e o desprezo. Dessa maneira, demonstrar a participação de escravos na formação e desenvolvimento do Brasil é de suma e indiscutível importância, para a quebra de estereótipos e preconceitos que perduram até hoje.

Palavras-chave: Afetividades. Escravizados. Brasil colônia. Relações. Sociedade.

INTRODUÇÃO

Durante o século XVIII, a sociedade brasileira passava pelo período da escravidão e o tráfico de escravos africanos era um aspecto da história que marcou em profundidade nossas experiências. Esse comércio deslocou seres humanos de seus lugares de origem para viverem em cativeiro e sob condições absolutamente adversas, de modo que os sujeitos escravizados eram tratados como meros objetos e mercadoria. Uma vez vendidos esses indivíduos, a mercadoria/humana passava a conviver com seus senhores, e o cotidiano e a proximidade dentro da casa senhorial geravam atritos e desavenças, demonstrando assim que o escravizado não era apenas uma mercadoria inerte ao sistema, mas também um influenciador na vida e no dia a dia das casas se-

nhoriais. “A imagem do escravo, no entanto, sofre aqui uma transformação: a vítima do cativeiro se torna um agente da realidade” (COSTA, 2011, p. 429), produzindo relações nas quais forçava o senhor a reconhecê-lo enquanto humano.

É fato que as relações afetivas ocasionavam, muitas vezes, mortes ou alforrias, benefícios ou malefícios mostrando assim as mais diversas subjetividades e afetividades entrelaçadas na relação senhor/escravo. Tais desfechos (morrer/‘ser livre’; benefícios e malefícios) só poderia ocorrer graças à influência mútua entre esses dois tipos de sujeitos, o que é percebido nos testamentos, já que nesses documentos não se encontra só indivíduos e objetos de valor, o caráter sentimental atribuído aos bens e as pessoas nos leva a conjecturar como ocorriam as sociabilidades nesse período.

Nos testamentos estudados, os escravizados eram tratados tanto como herança quanto herdeiros, as menções a eles demonstravam uma teia relacional tão intrincada que os vemos como uma parte fundamental na vida de cada testador, e ainda que estes não tenham escritos nada sobre si, podemos no âmbito do provável inferir sobre suas vidas, cotidianos e resistências em um sistema que os massacrava e os inferiorizava.

VIDA, SUBJETIVIDADES E AFETIVIDADES NOS TESTAMENTOS E FORA DELES

Os afrodescendentes, em pleno século XXI, ainda sofrem com o desenrolar de problemas sociais, como preconceitos e desigualdades. São comumente estigmatizados

como inferiores, com menor capacidade mental de desenvolvimento, perigosos e degenerados sexualmente, tudo isso em uma época tida como revolucionária e “isenta” de escravidão, ora tal mentalidade é reflexo da triste cultura escravista adotada no Brasil; durante o período escravista, africanos e seus descendentes foram vistos, literalmente, como objetos e mercadorias capazes de gerar lucros a quem os vendia ou utilizava sua mão de obra.

Para um melhor entendimento façamos uma comparação – ainda que anacrônica – com as máquinas atuais encontradas em indústrias, tendo como diferença que estas ao falhar realizam *check up* e consertos, sempre que necessários, enquanto que as pessoas impostas ao estado de escravidão eram surradas e descartadas diante do que era determinado como falha por seus proprietários, ou seja, eram seres humano considerados menos que animais, por sua condição de mercadoria não apresentavam sentimentos, assim, inexistindo subjetividades e impossibilitando as possíveis afetividades entre os mesmos.

Tal pensamento pode ser totalmente descartado e contraposto com as relações encontradas nos testamentos escritos pelos próprios donos de escravos.

Deixo pelo amor de Deos a huma menina por nome Victoriana filha da negra albina hoje escrava do Padre Antonio Garro cuja a menina pelo amor de Deos o mando tome conta dela para educar o dito meo primeiro testamenteiro a quem se entregara os ditos corenta mil reis em dinheiro para que com

eles posa lucar para a sostentar e vestir conservando lhe sempre. E ao dito meo testamenteiro peso pelo amor de Deos ponha todo o cuidado e sua molher na dita menina para que posa viver christamente. (Rezisto com que faleseo o senhor Manoel Gonçalves Torres que foi desta Capitania em 27/01/1751)

O testamento de Manoel Gonçalves Torres, demonstra que os escravos também eram vistos como pessoas que agiam socialmente, impondo suas vontades quando possível e formando por meio de suas subjetividades as afetividades que construíam um grupo social importantíssimo chamado família. A forma como os mesmos viviam e se relacionavam em seus grupos mostrava que mesmo em ambientes de opressão, se faziam presentes em muitos aspectos as suas culturas e modos de viver, mantendo parte de suas tradições.

A relação entre senhor e escravo poderia ser de um bom convívio ou não, assim como a relação de escravos para com outros escravos, de forma a deixar claro que nessas relações diárias poderiam haver sim interações que fariam e forçavam os mesmos a conviver com repressão. Para que os escravizados pudessem garantir sua sobrevivência ou até mesmo sua liberdade, em meio a tanto domínio que lhes eram imposto, muitos se relacionavam com seus senhores espontaneamente ou os assassinavam, buscando assim uma forma de fugir ou amenizar a tão terrível realidade na qual viviam, tal como Lima (2013, p. 10) cita a morte do senhor de engenho e capitão Francisco Cavalcanti da Cunha, em Goiana em 1854, pela “agente moral do cri-

me, a cozinheira e engomadeira da casa” (SANTOS: 2014, p. 8). Tais relações pautadas na proximidade, e que geravam amor e ódio, aconteciam cotidianamente, tanto nas casas senhoriais ou fora delas, e assim os escravizados iam criando dinâmicas e estratégias para viver e sobreviver em um núcleo onde eram submetidos a condições horríveis.

Boa parte dos trabalhos, que era realizado dentro da casa senhorial e cumprido por escravizados, era visto como regalias por parte de seus senhores – mesmo que tais serviços fossem concretizados em condições desumanas e com punições cruéis, a quem não quisesse se submeter a tais maus tratos – enfatizando e reforçando a ideologia de que escravos eram tratados como mercadorias e objetos que estavam sujeitos a qualquer forma de penalidade, venda ou troca.

É dentro dessa perspectiva, em que os negros escravizados eram vistos como objetos da sociedade senhorial, que se formou e se criou a imagem estigmatizada de inferioridade que temos hoje, ou seja, boa parte do preconceito que os afro-brasileiros sofrem é advinda das práticas e representações forjadas no sistema escravista.

As afetividades que se fizeram presentes no Brasil colonial contribuíram em grande parte para formar a miscigenação que abrange todo nosso país, tais relações são abordadas nos testamentos lidos.

[...] e tão somente tive huma filha com huma preta escrava do gentio da costa ada mina a coal pela [corr.] da mai dizer que era minha filha e ella ser minha escrava a libertei [do] captiveiro a cazei com Joaquim da As Berna-

des e lhe dei em dote dois çitios de terrahum chamado Pindobeira e outro Cujute que ambos me custaram sinco mil cruzados e pelo mesmo lhes dei ambos escravos e dinheiro seis mil cruzados e mais sento corenta mil reis que lhe dei e cobrou da mão de Inacio Manoel da Mota e mais lhe na mão de Jose Alves Lisboa quize mil e tantos reis mais corenta mil reis de uns bois que me comprou que ao todo foi de onze mil cruzados que lhe dado em dote...” (Rezisto com que faleseo o senhor Manoel Carvalho da Cunha que foi desta Capitania em 14/02/1750)

Contudo, a miscigenação ainda que tenha enriquecido todo o território em que vivemos tão pouco ela ajudou a diminuir as diferenças e o racismo, marcados pela escravidão.

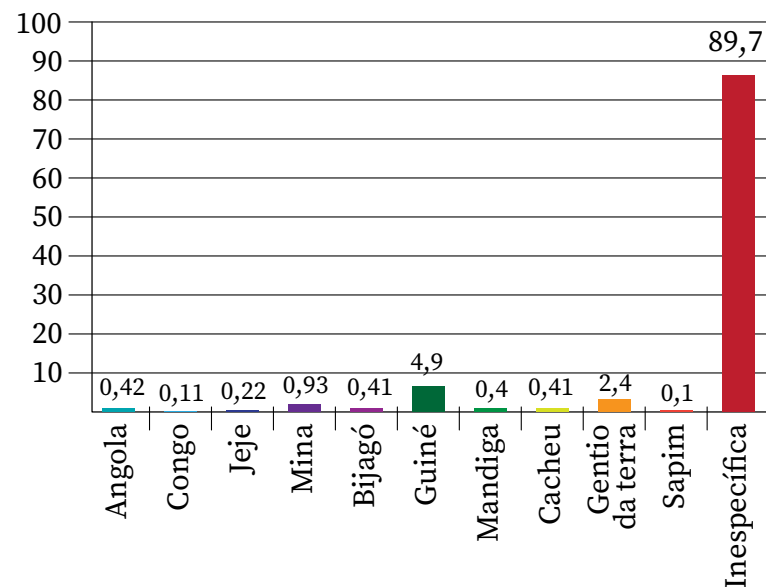
Os escravizados apresentavam muitas subjetividades, e diferentemente do que todos pensavam eles impuseram suas vontades mesmo que de forma implícita. Suas resistências foram notadas tornando-se importante marco no desenrolar da história da escravidão, pois sem essas lutas, a libertação e a mudança do status de escravo, ou ainda de objeto e mercadoria isento de subjetividades e afetividades não teriam mudado – ou pelo menos amenizado enquanto visão comum.

Suas resistências, para além dos Quilombos, também podem ser percebidas nos casos de assassinatos ou fugas, apontadas tanto nos artigos pesquisados quanto nos próprios testamentos das pessoas que viveram na época “[...] e assim mais hum negro fugido chamado Paulo// [...]” (Rezisto com que faleseo a senhora Catherina de Souza Mascarenhas que foi desta Capitania em 11/07/1705).

Os escravizados que sofriam nas mãos de seus senhores, aqui nas terras brasileiras já tinham passado por um dos piores momentos que, provavelmente, qualquer ser humano poderia passar em sua vida: a grande e sofrida viagem nos navios negreiros, onde eram tratados como animais, ou ainda pior. Ao analisar os testamentos do Maranhão setecentista, pudemos relacionar uma grande parte de escravizados quanto a sua procedência e assim desmistificar o próprio conceito de africano, já que a África não é apenas uma, mas sim, um berço de diversas culturas, tradições e povos.

Podemos ver, no gráfico I, alguns dos povos encontrados nos testamentos.

Gráfico I - Identificação dos escravos segundo nação/procedência (1705/1799):

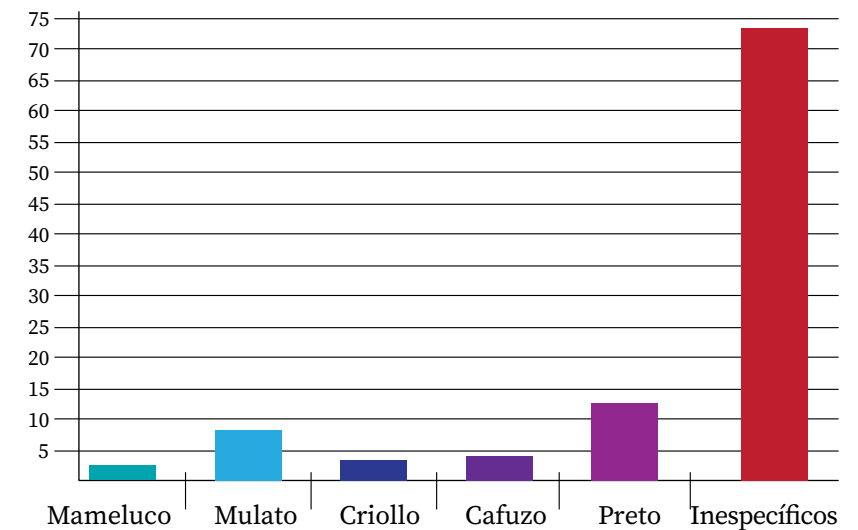


Fonte: Arquivo Público do Estado do Maranhão – APEM (MOTA, Antônio da Silva; SILVA, Kelcilene Rose; MANTOVANI, José Dervil. **Cripto maranhenses e seu legado.** São Paulo: Siciliano, 2001).

Dos 120 testamentos analisados, 06 escravos vieram de Angola, 02 do Congo, 03 são da nação Jeje, 08 Mina, 05 Bijagó, 27 Guiné, 04 Mandiga, 05 Cacheu, 01 Sapim, 15 gentio da terra, isto é, indígena e sem especificação, 331.

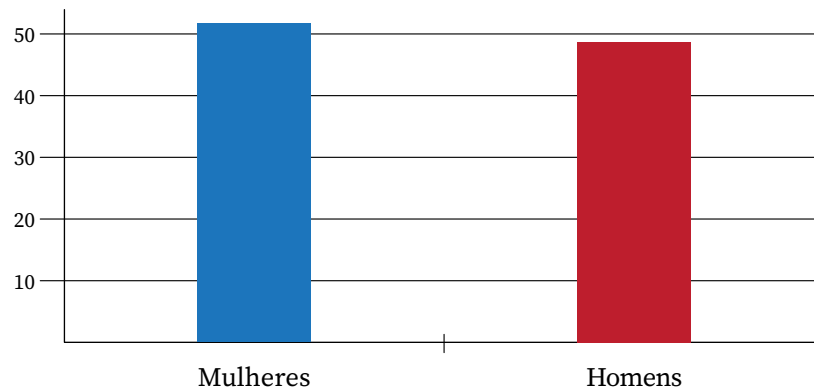
A cor também era uma designação frequentemente observada nos testamentos como demonstra o gráfico II:

Gráfico II - Identificação dos alforriados por “cor” nos testamentos (1705/1799):



Fonte: Arquivo Público do Estado do Maranhão – APEM (MOTA, Antônio da Silva; SILVA, Kelcilene Rose; MANTOVANI, José Dervil. **Cripto maranhenses e seu legado.** São Paulo: Siciliano, 2001).

O estudo dos testamentos também nos permitiu analisar as alforrias deixadas como herança aos escravizados por seus senhores. A maioria das liberdades foi atribuída às mulheres como demonstra o gráfico III.

Gráfico III - Alforrias dadas por sexo (1705/1799):

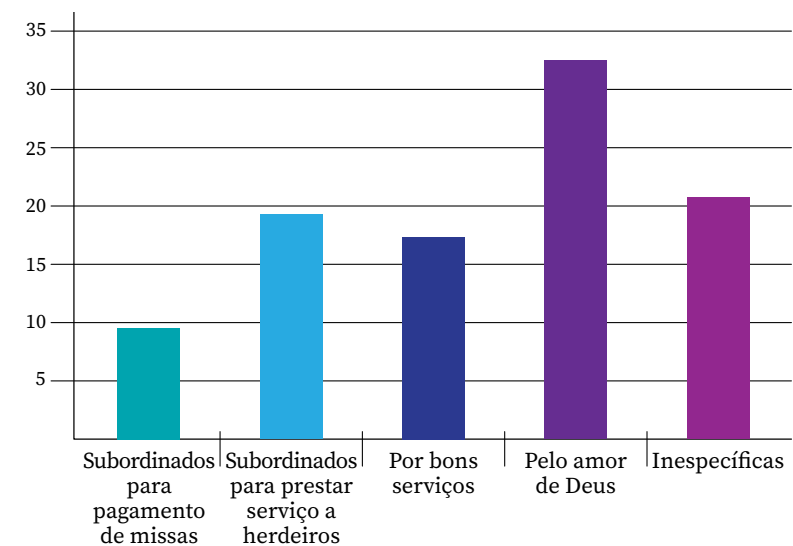
Fonte: Arquivo Público do Estado do Maranhão – APEM (MOTA, Antônio da Silva; SILVA, Kelcilene Rose; MANTOVANI, José Dervil. **Cripto maranhenses e seu legado**. São Paulo: Siciliano, 2001).

Das 123 alforrias, 64 foram dadas às mulheres e 59 aos homens.

É indispensável destacar que as mulheres escravizadas também eram vistas como objetos sexuais e constantemente eram assediadas e tinham seu corpo vendido, alugado ou mesmo utilizado para o prazer de seus senhores, contudo, não é inverossímil dizer que diversas mulheres souberam utilizar seus corpos, conhecimentos, seduções, manipulações e negociações como estratégias de resistências e assim sobreviverem melhor à escravidão e às condições que lhes eram impostas. Tais táticas não podem fortalecer os estigmas sexuais de inferiorização que frequentemente são atribuídas às mulheres negras. Ao contrário, devemos refletir acerca de suas subjetividades e motivações para não reproduzirmos perspectivas conservadoras que reforçam e/ou naturalizam aquelas mulheres a uma condição de submissão e passividade.

As afetividades entre as escravizadas e senhores eram comumente observadas através das libertações vistas nos testamentos, além das relações que levam a crer nas inserções sexuais, também existiam alforrias dadas por bons trabalhos e comportamentos e por inúmeros outros motivos, como pelo simples “amor dar” ou em trocas de missas, já que a religiosidade também foi um aspecto importante e marcante no Brasil e no Maranhão colônia.

Tais informações podem ser confirmadas nos testamentos em que os senhores podiam ter ao mesmo tempo relações amigáveis com seus escravos, deixando-os bens materiais, como também lhes podiam deixar herança para seus parentes. Abaixo, apresentamos, no gráfico IV, as condições de alforrias mais comuns nos testamentos.

Gráfico IV - Condição para as alforrias (1705/1799):

Fonte: Arquivo Público do Estado do Maranhão – APEM: MOTA, Antônio da Silva; SILVA, Kelcilene Rose; MANTOVANI, José Dervil. **Cripto maranhenses e seu legado**. São Paulo: Siciliano, 2001.

As religiosidades presentes e tradições católicas eram um aspecto comum tanto para os senhores quanto para os escravos. Os testadores analisados mostraram-se bastante religiosos, fazendo parte das irmandades, nas quais faziam obras de “caridade”, normalmente pelo desejo de salvação e de crescimento social. Essas irmandades variavam de acordos com os santos padroeiros, que contribuíam na construção de novas igrejas de acordo com determinados padroeiros, que se espalhavam por todo Maranhão, catequizando novos territórios. Os escravos também podiam ser doados para a igreja e servirem a ela, ou até mesmo emprestados para a prestação de serviços. Irmandades negras também existiram, e por vezes ajudavam escravos a conseguir suas alforrias. Desse modo, acreditamos que o catolicismo negro também pode ser visto como uma forma de resistência à escravidão. Todavia, os escravizados souberam mesclar boa parte de suas tradições aos novos costumes impostos, a sua maneira mantinham seus costumes e crenças tanto nos quilombos quanto nas senzalas, já que mesmo longe de sua terra natal, perpetuavam e ressignificavam os saberes trazidos da África, passando-os de geração a geração, de modo que perduram até os dias atuais, mostrando e enfatizando a garra e a força dos negros, africanos e escravizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos e apresentados nos gráficos acima, mesmo que confiáveis, possuem taxa de erro de apro-

ximadamente 0,2 pontos percentuais, já que são utilizadas escalas e comparações numéricas, porém o estudo é realizado em cima de uma questão bastante discursiva. Assim, mesmo que a maioria das informações esteja transmitida de forma clara, ainda há brechas que podem levar a interpretações distorcidas. Por nossa ótica, as relações existentes entre senhores e escravos foram muito mais complexas que se supunham ser, os senhores possuíam diversos interesses além de explorar a mão de obra escrava, as relações afetivas perpassavam o cotidiano desses sujeitos fazendo com que a proximidade e a preferência ditassem e o tratamento dado a cada escravizado. Estes podiam ser visto ora como coisa, ora como pessoa, ora como as duas coisas. Enquanto mercadorias, os senhores – mesmos em seus testamentos – viam seus escravos como meio de comércio e lucro, enquanto indivíduos eram vistos como sujeitos que mereciam gratidão e recompensas.

Nosso estudo buscou prioritariamente contestar a coisificação que a escravidão atribuiu aos sujeitos escravizados, pois mesmo que nossos antepassados tenham sido escravizados, eles não eram coisas, eles viveram suas relações de amizade, ódios e amores como qualquer outro ser humano perante as condições às quais estavam sujeitos. Confiamos que dentro do desenrolar da história escrava no Brasil, e em especial no Maranhão, o estudo das afetividades ajuda no entendimento da atual sociedade brasileira, em seu crescimento e desenvolvimento, além de contribuir para a mudança do estado, até então estático de estigmatizações dos afro-brasileiros que ainda sofrem com a falta de oportunidades e negação de direitos.

Através do conhecimento histórico acerca da escravidão e da construção de trabalho como este, procuramos quebrar certos paradigmas e dogmas pautados em uma visão preconceituosa de que os negros escravizados sempre foram considerados inferiores. Infelizmente, hoje é comum a inferiorização e discriminação da população negra que em sua maioria tem uma situação financeira menos desenvolvida, sabemos que tal condição foi imposta por pensamentos preconceituosos e racistas que minimizaram as capacidades negras apenas ao trabalho braçal. Procuramos enfatizar que foi a partir das contribuições dos africanos e afro-brasileiros que o Brasil tornou-se o país que é, possuindo essa diversidade cultural e racial que nos caracteriza.

REFERÊNCIAS

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. **Quebrando o silêncio: o legado da escravidão e seu poder transformador na cultura popular brasileira**. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3615/361533256009/>>.

LIMA, Tatiana Silva de. **Resistências e sobrevivências dos trabalhadores domésticos e em domicílio, Recife, 1830 – 1870**. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Recife, PE. Associação Nacional dos Professores Universitários de História, 2013.

MOTA, Antônio da Silva. SILVA, Kelcilene Rose. MANTOVANI, José Dervil. **Cripto maranhenses e seu legado**. São Paulo: Siciliano, 2001.

SANTOS, Denise do Nascimento. **Senhores e escravos, patrões e empregados: Heranças escravistas em questão no momento em que se regulamenta o trabalho doméstico**. Revista Libertas v. 14, n. 2 (ago. dez. 2014): Disponível em: <<https://libertas.ufjf.emnuvens.com.br/libertas/article/view/2886>>.

TEIXEIRA, Erika Ferraz. CAMPOS, Josué. GOELZER, Marlene Márcia. **A permanência do racismo na sociedade brasileira**. Disponível em: <<http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/A-perman%C3%Aancia-do-racismo-na-sociedade-brasileira.aspx>>.

VILA, Ivonete Costa. CRUZ, Paulo D. R. **Mulheres negras no século XIX: entre a submissão e a rebeldia**. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Mulheres_negras_seculo_XIX.pdf>.

DOCUMENTOS:

ATJ. Livro Rezisto com que faleseo o senhor Manoel Carvalho da Cunha que foi desta Capitania em 14/02/1750.

ATJ. Livro Rezisto com que faleseo Manoel Gonçalves Torres que foi desta Capitania em 27/01/1751.

ATJ. Livro Rezisto com que faleseo a senhora Catherina de Souza Mascarenhas que foi desta Capitania em 11/07/1705.



Av. Colares Moreira, 477 - Renascença
CEP 65075-441, São Luís-MA
Telefone: +55 (98) 3217-1794
editora@ifma.edu.br | www.editora.ifma.edu.br



**INSTITUTO
FEDERAL**
Maranhão

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-69745-82-2



9 788569 745822